

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

IVANA AMORIM DA SILVA

**O TERRITÓRIO SOB O OLHAR DA ESCRIVIVÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRA-  
COLONIAL DA OBRA *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

PORTO ALEGRE  
2019

IVANA AMORIM DA SILVA

**O TERRITÓRIO SOB O OLHAR DA ESCRIVIVÊNCIA: UMA ANÁLISE CONTRA-COLONIAL DA OBRA *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Literaturas de língua portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

PORTO ALEGRE  
2019

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, Zaida Adriana e Giovani, por não só serem meus maiores incentivadores a estudar como também por não terem medido esforços para que eu pudesse ter a chance de me graduar em um curso superior. Foi uma longa jornada de batalha em conjunto, sem que nenhum de nós três soltasse a mão um do outro no percurso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família por ter me apoiado para que hoje eu fosse a quarta pessoa da minha linhagem graduada no ensino superior. Ao longo desses anos de estudo, minha mãe, Zaida; meu pai, Giovani; meus avós, meus tios, meus primos e meu afilhado foram fundamentais para que eu acreditasse no meu potencial e vislumbrasse sempre um futuro melhor para mim e para a sociedade. Além da família humana, agradeço à Tutty, minha amiga canina, que deitou-se entre os meus livros diversas vezes durante a graduação e que lambeu meu rosto toda vez que alguma lágrima ousou cair.

Agradeço ao meu companheiro, Tiago, por ter tido a paciência de compreender a minha ausência quando necessário e por ter sido uma presença constante até nesses momentos. Além disso, sou grata pelos longos debates que tivemos sobre ambientes escolares, sobre nossos corpos e saberes colonizados, sobre as lutas que travamos e sobre os dias que desejamos construir.

Agradeço aos meus amigos - tanto os que encontrei no curso de Letras quanto os que já acompanhavam meus dias antes da graduação - por terem sido meu porto seguro numa caminhada difícil e por vezes tortuosa. Estar ao lado de pessoas que batalham por salas de aula mais inclusivas, por uma academia mais decolonial, por uma linguística mais próxima dos sujeitos, por relações sociais mais empáticas e por mais amor nas atividades cotidianas é essencial para chegar até aqui sabendo que esse é apenas o início de um extenso trabalho - como pessoa e amiga em transformação, como professora em construção, como pesquisadora em pleno exercício. Ter um abraço de carinho, um lembrete das tarefas, um cruzamento de olhares tranquilo, algumas palavras de apoio e muitos sorrisos trocados foi o que me deu forças para realizar os compromissos com mais leveza e prazer em meio ao caos do país e às tristezas que surgiram.

Agradeço à minha orientadora, Ana Tettamanzy, por ter sido a figura na qual me espelhei desde o começo da graduação: uma mulher forte, cheia de lutas, inteligentíssima e sempre, sempre carinhosa com quem lhe procura. Jamais conseguiria ter me tornado pesquisadora caso esse processo não tivesse ocorrido com afetividade, com compartilhamento de ideias, com respeito e com alegria. Sei que nossos estudos anticoloniais estão diretamente relacionados à exigência da escuta a outras vozes, que gritam discursos ainda silenciados ou

omitidos. Isso é, sem dúvida, um trabalho árduo, constantemente questionado e atacado por aqueles que temem perder seus espaços de privilégio. Desse modo, fico infinitamente agradecida por ter aprendido a questionar continuamente meus posicionamentos, meu lugar de fala, meu trabalho como professora e os meus estudos, tentando modificar os resquícios do colonialismo em todos os espaços onde me insiro. Devo tudo isso à Ana e aos meus colegas do grupo Letras e Vozes Anticolonias, que fizeram minha mente fervilhar em todos os encontros das quartas-feiras.

Por fim, agradeço a todos os professores e professoras maravilhosos que fizeram parte da minha formação, bem como agradeço à UFRGS, universidade que me proporcionou tantas mudanças e tanta sabedoria ao longo desses anos. Tive a sorte de estar em meio, literalmente, à produção de saberes do país, principalmente no que tange o ensino. Dentro das salas de aula do Instituto de Letras, aprendi sobre a importância, de fato, de um professor/pesquisador e, desse espaço, saio profundamente apaixonada pelo meu trabalho e também profundamente ansiosa e cheia de dúvidas sobre o fazer docente, tornando-me, assim, exatamente o que preciso ser como professora: uma eterna pesquisadora, que será curiosa e atenta às realidades e às possibilidades ao seu redor.

A indagação que estou fazendo aqui é a respeito destes dois polos da vida contemporânea: o dinheiro, que tudo busca desmanchar, e o território, que mostra que há coisas que não se podem desmanchar. (SANTOS et al., 2002, p. 13)

O colonialismo e o imperialismo não pagaram suas contas quando retiraram suas bandeiras e suas forças policiais de nossos territórios. (SAID, 2011, p. 33)

A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2013, p. 156)

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar acepções do conceito de *território* que se diferenciam e que contrariam a lógica imperialista, a qual enxerga a terra como mercadoria a ser explorada pelos interesses do capital (SAID, 2011). Nesse viés, utiliza-se a voz de estudiosos que se posicionam numa perspectiva *contra-colonial* (Bispo, 2015) – como quilombolas, latinos, palestinos, indígenas e outros representantes de grupos que vivem diversas problemáticas geopolíticas –, buscando entender qual é o verdadeiro papel do território para o desenvolvimento social e cultural de uma determinada comunidade, bem como quais são as motivações que geram os tensionamentos territoriais entre as classes mais privilegiadas e os grupos marginalizados a partir do discurso colonial hoje. Para isso, a literatura, espaço de manifestação de vozes e de vivências, é o meio para a realização desse estudo sobre territorialidade, mais especificamente o romance *Becos da Memória* (2013), da autora brasileira Conceição Evaristo, tanto pela temática de disputa territorial presente na obra quanto pela *escrevivência* assumida por Evaristo acerca do seu fazer literário. Tal romance permitirá uma análise sobre a forma como a autora - que escreve o que vê, ouve e vivencia na periferia - relata as suas relações e as de sua comunidade com a porção territorial onde se encontram.

**Palavras-chave:** Território. Escrevivência. Literatura brasileira. Contra-colonialismo. Conceição Evaristo. Becos da Memória.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar acepciones del concepto de *territorio* que se diferencian y que contrarían la lógica imperialista, a cual toma la tierra como mercadería a ser explotada por los intereses del capital (Said, 2011). En ese sentido, se utiliza la voz de estudiosos que se posicionan en una perspectiva *contra-colonial* (Bispo, 2015) – como quilombolas, latinos, palestinos, indígenas y otros representantes de grupos que viven diversas problemáticas geopolíticas -, buscando entender cuál es el verdadero papel del territorio para el desarrollo social y cultural de una determinada comunidad, así como cuáles son las motivaciones que generan las tensiones territoriales entre las clases más privilegiadas y los grupos marginalizados a partir del discurso colonial de hoy. Para eso, la literatura, espacio para manifestaciones de voces y de vivencias, es el medio para la realización de ese estudio sobre territorialidades, más específicamente el romance *Becos da Memória* (2013), de la autora brasileña Conceição Evaristo, tanto por la temática de disputa territorial presente en la obra como por la *escrevivência* adoptada por Evaristo acerca de su hacer literario. Tal romance permitirá un análisis sobre la forma como el autor - que escribe lo que ve, oye y vivencia en la periferia - relata sus relaciones y las de su comunidad con el territorio dónde se encuentran.

**Palabras clave:** Territorio. Escrevivência. Literatura brasileña. Contra-colonialismo. Conceição Evaristo. Becos da Memória.



## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>FAZER COMUNIDADE: O TERRITÓRIO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>3</b> | <b>A AUTORIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E OS EFEITOS NARRATIVOS DA<br/>ESCREVIVÊNCIA.....</b> | <b>22</b> |
| <b>4</b> | <b><i>BECOS DA MEMÓRIA: O TERRITÓRIOS NAS PALAVRAS</i>.....</b>                          | <b>31</b> |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>  | <b>46</b> |
| <b>6</b> | <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>49</b> |
|          | <b>ANEXO A - MOVIMENTO XINGU VIVO .....</b>  | <b>53</b> |
|          | <b>ANEXO B - DESFAVELAMENTO NO RIO DE JANEIRO .....</b>                                  | <b>54</b> |
|          | <b>ANEXO C - O GENOCÍDIO INDÍGENA NA LUTA PELA TERRA.....</b>                            | <b>56</b> |

## INTRODUÇÃO

O desejo de estudar a territorialidade surgiu no início do curso de Letras, em meio às leituras realizadas no projeto de iniciação científica *Letras e Vozes Anticoloniais*. Entrar na pesquisa foi como ser apresentada a novos mundos, mundos estes que poderiam estar mais próximos de mim ou que poderiam dialogar mais comigo e com as minhas inquietações como professora e como mulher latino-americana. Ler, nesse sentido, era para mim um abrir de olhos e de ouvidos para perceber que a colonialidade é o que origina os discursos de preconceito e de poder que me indignam, que me consternam e que me fazem querer mudança. Frente a isso, escritas hegemônicas e clássicas, produzidas dentro de gabinetes com bibliotecas enormes pertencentes a homens brancos e ricos, eram importantes para a literatura nacional, mas pouco me interessavam. Eu queria me sentir mais acordada do que nunca quando lesse, e essas obras me deixavam cansada de ver uma constante alienação das elites sobre o que eclodia debaixo de seus olhos no Brasil.

A partir da leitura de textos teóricos que expunham as feridas coloniais extremamente abertas e latentes, no nosso país e no mundo, no que tange às colonizações e ao imperialismo, eu percebia o quanto os problemas atuais de desigualdade social e de falsa democracia brasileiras derivavam diretamente do processo histórico de saqueamentos de terras a partir da invasão dos portugueses. Desse modo, queria entender o que o território, sempre foco das ações coloniais - pela diáspora africana, pela luta indígena pelo solo ou pelo violento processo de urbanização moldado pelo ideal imperialista - representava tanto para as comunidades que perdiam seu espaço geográfico (e, automaticamente, também grande parte de sua identidade) quanto para as elites que não se contentam nunca com o que possuem, marginalizando ou, inclusive, apagando aqueles que lhes são empecilho na busca pelo poder do acúmulo de capital.

A temática, portanto, já borbulhava minha curiosidade de pesquisa. Porém, foi apenas quando a literatura de Conceição Evaristo me invadiu que eu pude perceber o quanto tudo fazia mais sentido a partir daquela voz extremamente poética, cheia de traços da oralidade e de jogos de palavras. Desse modo, a escrevivência surgiu não como um objeto de estudo, mas como o afeto e o tapa que eu esperava da literatura: palavras que tanto cortam e denunciam quanto afagam e encantam. Isso porque a escrita de Evaristo mobiliza, emociona, revolta o leitor.

Fiz, nesse viés, o que Edward Said esperava dos leitores do livro *Cultura e Imperialismo* (2011): dediquei-me a estudar como as relações com o território apareciam na voz da escrevivência, essa escrita autoral que assume-se presente e viva nas temáticas que aborda. Said diz que a esperança dele é a de que os leitores e críticos do seu livro “o utilizem para aprofundar as linhas de pesquisa e argumentação sobre a experiência histórica do imperialismo aqui esboçadas” (SAID, 2011, p. 15). A partir da leitura do livro, porém, é quase impossível que os leitores não se sintam convidados a fazer isso. Segundo ele, todavia,

inúmeros historiadores da cultura, e certamente todos os estudiosos de literatura, deixaram de observar a nota geográfica, o mapeamento e levantamento teórico do território que se encontra por trás da ficção, da historiografia e do discurso filosófico do Ocidente (SAID, 2011, p. 84)

Dessa maneira, o presente trabalho tem o objetivo de pesquisar as relações territoriais brasileiras a partir do romance *Becos da memória* (2013), de Conceição Evaristo, buscando compreender como a escrevivência da autora narra - entre a sua voz e a da personagem Maria-Nova - o espaço geográfico onde a história acontece e qual é a importância deste para os sujeitos retratados pelo livro. Assim, aventurei-me pela geografia, pelas ciências sociais, pelos saberes populares e pela crítica literária buscando entender tanto os conceitos de território (capítulo 2) quanto o de escrevivência (capítulo 3), interessada, a partir dessas questões, em abordar a obra escolhida com mais profundidade (capítulo 4), chegando às conclusões mais profundas sobre a relação da territorialidade com essa escrita memorialística.

É importante destacar também que optei pelo uso do termo “contra-colonial”, de Bispo (2015), desde o título até o fim do trabalho, em detrimento dos conceitos de pós-colonialismo ou decolonialismo. Essa escolha foi feita porque ele, como quilombola e ativista brasileiro, foi fundamental para o presente trabalho, com seu olhar extremamente pertinente acerca da diferenciação racial feita no país e do egoísmo da branquitude ao negar transformações que terminem com seu espaço de privilégio na sociedade. Além disso, acredito que o prefixo “contra” estabeleça-se como mais forte para expressar exatamente o que desejo: uma constante reparação sociocultural dessa marginalização e opressão históricas que silenciam, apagam, desterritorializam e aniquilam vidas negras e indígenas; e uma maior valorização das produções que contrariam a lógica colonial, erguendo vozes potentes e temáticas urgentes nas produções artísticas.

## “FAZER COMUNIDADE”: O TERRITÓRIO

Estudar as acepções da palavra *território* e analisar o sentido que este tem de uma cultura para outra é um ato complicado, principalmente em um país como o Brasil, que ainda carrega marcas tão expressivas do período colonial e que é tão vasto em extensão e em diversidade. Desse modo, a significação do termo território demanda estudos sobre a cosmovisão e sobre o contexto social de quem o conceitua. Isso quer dizer que os olhares que analisam territórios são sempre diversos, o que pode ser positivo ou não, e que esta é uma temática urgente no nosso país, já que as noções sobre os espaços onde as nossas vidas tomam lugar são, quase sempre, representadas apenas por aqueles que detêm o poder e a autoridade de estabelecer fronteiras e muros entre os sujeitos e seus respectivos atravessamentos históricos, subjetivos e sociais - fator que isola, exclui, marginaliza e até dizima determinadas comunidades.

Diante do desejo de desmembrar as possibilidades de sentido presentes em tal conceito, é preciso, primeiro, recorrer à Geografia, buscando recursos da área para analisar como o território é abordado sob um ponto de vista científico. Não será possível, todavia, dentro desse estudo, expor de forma profunda diversos discursos provenientes desse campo. Desse modo, opta-se por investigar a produção intelectual de Milton Santos, enxergando-o como um expoente fundamental no que tange às pesquisas brasileiras em geografia e compreendendo-o como local, ou seja, como um autor que tem seu olhar voltado para o seu próprio território e que, por isso, pode ser considerado mais relacionado com a presente pesquisa.

No ensaio chamado “O dinheiro e o território”, proferido na aula inaugural no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1999, Milton Santos, dois anos antes de seu falecimento, postula as relações de interesse e os sentidos do termo aqui analisado. Desse modo, interpretando o território à luz de um Brasil do capital e da tecnologia, Milton Santos (2002) demarca que “o território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (SANTOS, 2002, p. 13) e diz ainda que “o território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2002, p. 14).

Porém, o autor conclui que, ao longo das transformações econômicas que a modernidade trouxe, os territórios brasileiros passaram a ser olhados pelas elites e pelas grandes corporações, cada vez mais, como objetos maleáveis pelo poder do dinheiro – dinheiro este que é invisível entre as trocas geopolíticas, mas que exerce forte instabilidade sobre o destino e o futuro de determinadas comunidades dentro dos espaços urbanos, onde o desenvolvimento da máquina capitalista se constrói e se modifica. Assim, estabelece, infelizmente, que

por menor que seja um lugar, por mais insignificante que pareça, no mundo da competitividade este lugar é fundamental porque as empresas globais dependem de pequenas contribuições para que possam manter o seu poder. Esse poder que é cego, porque não olha ao redor. Esse poder que se preocupa com objetivos precisos, individualistas, egoísticos, pragmáticos é um poder cego, já que não olha ao redor. Mas escolhe lugares aqui e ali, hoje e amanhã, em função das respostas que imaginam poder ter, e desertam esses lugares quando descobrem que já não podem oferecer tais respostas. (SANTOS, 2002, p.19)

O professor baiano, assim, preocupa-se com os sujeitos que se estabelecem territorialmente e que criam comunidade e raízes em determinado espaço. Isso porque o avanço dessas forças dominantes – que estabelecem o jogo territorial sem considerar as vidas que estão sob o tabuleiro – não tem precedentes nem barreiras. É como se não houvesse fronteiras para a circulação do dinheiro e do poder, e sim apenas fronteiras para a mobilização dos direitos do povo.

Diante dessa e de outras tantas reflexões da vasta produção acadêmica de Milton Santos, os pesquisadores Marcos Aurelio Saquet e Sueli Santos da Silva, ambos estudantes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), compilam, em um artigo chamado “Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território” (2008), uma análise da maioria das obras do estudioso brasileiro. Revisando a literatura de Milton Santos de 1970 até o final do século XX, os autores concluem que

O território não se apresenta como forma definitiva e organizada do espaço; porém, há sinais que permitem acreditar que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades criadas a partir da herança cultural do povo que o ocupa; é também uma fração do espaço local articulada ao mundial. (SAQUET; SILVA, 2008, p. 14)

A partir dessa concepção, percebe-se o quanto Milton Santos é fundamental para o estudo das concepções acerca das questões territoriais, afinal ele foi símbolo fundante das pesquisas sobre essa temática no Brasil. Além de ter uma obra prestigiada na área, Santos estabelece-se como uma voz que se posiciona oposta aos ideais imperialistas, capitalistas e

colonizadores (sejam eles dissociáveis ou não), pois questiona e critica as tensões territoriais que submetem, ao longo da história brasileira, grupos menos privilegiados ao pavor de não saberem se seu lugar de estabelecimento é, de fato, seu. Afinal, caso o território seja ambicionado pelos mais abastados, sabe-se que, facilmente, a eles isso pertencerá, independentemente das residências, das vidas e das manifestações culturais que nele estejam já organizadas. Por isso, Milton Santos é essencial para o estudo do conceito, demonstrando o quanto um território não é apenas uma porção geográfica, mas sim que este envolve diferentes identidades e disputas no âmbito social, político e econômico.

Na continuação da tentativa de compreender esse termo de complexas significações, acredita-se ser importante, também, recorrer às vozes de indivíduos que vivem concretamente impasses constantes acerca de seu lugar de pertencimento, e que, dessa forma, analisam o território de maneira contra-colonial diante da temática, criticando a lógica perversa que surge na atualização dos discursos coloniais na contemporaneidade, os quais desterritorializam não só comunidades como também os seres e os saberes que as constituem. Nesse viés, a voz do indígena José Ángel Quintero Weir, membro da Universidad de Zulia (Venezuela) e da Universidad Autónoma Indígena (UAIN), que escreve a partir do seu conhecimento sobre as lutas territoriais na Venezuela, é fundamental. Ele diz, no livro *Fazer Comunidade* (2018), que a terra é o

resultado de um lugar que lhes é próprio ou particular do grupo, já que é a partir dali que se gera toda a interpretação, compreensão e nomeação do mundo. É a partir dali que a comunidade humana observa, conhece e reconhece a existência do mundo, que se expressa e se faz visível à compreensão dos homens por meio de uma série de regularidades e irregularidades, períodos, estações, presença e/ou ausência de plantas, frutos, animais e demais elementos visíveis e invisíveis, que são avaliados como expressão de um discurso particular do mundo, e que os sujeitos da comunidade humana interpretam em função de um diálogo que orienta, então, suas relações com o mundo e sua definitiva territorialidade no lugar. (WEIR, 2018, p. 8)

Tal definição desperta o entendimento de que um território não é somente um espaço geográfico delimitado, mas sim que ele é a raiz e a origem das quais eclode uma erupção de costumes e de características culturais; é nele e a partir dele que um indivíduo (aqui, indígena; porém, pode-se relacionar a fala anterior com mais contextos e comunidades) irá conceber seu lugar no mundo e a dimensão diversa dos mundos ao seu redor; e é no e com o território que surgem as questões subjetivas e coletivas de um pequeno amontoado de gentes. Dessa maneira, linhas de fronteira rigidamente demarcadas não são, de forma alguma, capazes de compreender e de englobar a amplitude do(s) conceito(s) de território e das conexões vivas que ocorrem a partir e acima da terra.

Outra análise importante sobre o termo e suas relações no mundo é constatada pelos estudos de um intelectual palestino que sempre se sentiu um estrangeiro árabe nos Estados Unidos: Edward Said. Em *Cultura e Imperialismo* (2011), Said afirma que um grupo ou um indivíduo jamais deve ser reduzido à sua nação ou visto como originalmente homogêneo e puro. Isso, segundo ele, é sempre um reducionismo perigoso e infundado. Mesmo assim, evitando rótulos fixos ou generalizações sem justificativa, o autor busca analisar as relações hierárquicas e os vestígios do discurso imperial (que ele diferencia da palavra “colonialismo” por pensar na ideologia do processo, não necessitando, verdadeiramente, de uma colônia) por meio da literatura, entendendo que, a partir das palavras e do lugar de fala, a autoria dos textos e os desdobramentos deles evidenciam o pensamento e a vivência – privilegiada ou não – de quem escreve. Assim, Said fortalece sua tese sobre o assunto usando textos literários (tentativa semelhante a do presente trabalho), o que lhe permite falar sobre as influências coloniais nos territórios e nas manifestações culturais.

Para o palestino, a terra é e sempre será foco de disputas. Assim, acerca do conceito, Said (2011) postula que

terra é, de fato, um único e mesmo mundo, onde praticamente não existem espaços vazios e inabitados. Assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações. (SAID, 2011, p. 27)

Desse modo, em nenhum momento da história houve o fim ou o recesso das lutas geográficas, afinal, em todos os espaços do globo, uns grupos desejaram obter mais terras (num ideal imperialista), e outros precisaram resistir para defender seus espaços e para sobreviver ao embate (os quais poderíamos chamar de contra colonizadores). Além disso, é interessante pensar que Said não separa o território da cultura, já que compreende que ele é parte fundamental para o desenvolvimento do povo. Isso indica, pois, que saqueá-lo é também saquear os saberes e as manifestações coletivas de um grupo, o que amplia o conceito de território e faz com que o indígena Weir, na América Latina, tenha postulado ideias que servem para o resto do mundo, estabelecendo vínculos com o pensamento de um árabe na América do Norte.

Sendo assim, entre as culturas ocidentais e capitalistas do sistema-mundo moderno, dentre as quais está o nosso país, o conceito de território é, sem dúvida, atrelado às palavras *dominação, posse e conquista*, que são relacionadas ao colonialismo imposto pelos europeus durante os saqueamentos realizados na expansão imperialista. E essa é a crítica de ambos os

autores mencionados. Isso fica explícito no capítulo intitulado “Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas” (in *Cultura e Imperialismo*, 2011), no qual Said afirma que, em 1914, a Europa detinha 87% do globo, na forma de colônias ou dependências, número extremamente expressivo, que demonstra o quanto o passado afeta, ainda hoje, a autoridade e a visão ocidental que moldou o pensar e o viver dos povos colonizados pelos europeus. Dessa forma, essas palavras utilizadas no passado seguem figurando as entrelinhas por trás dos processos de desterritorialização ou de exclusão de determinados grupos na urbanização capitalista.

Por conseguinte, Said (2011) faz, constantemente, a retomada histórica do imperialismo para compreender o hoje, demonstrando que a divisão binária entre poder e miséria, superioridade e inferioridade, e entre dominação e subalternização, continuam existindo nas relações atuais, porque a divisão do capital perpetua a força de grandes potências em detrimento de povos menos privilegiados (o que pode acontecer a nível macro, ou seja, entre países, ou nas micro relações entre espaços do mesmo país ou da mesma metrópole). Ele explica que a terra é sempre o foco dessas disputas pelo simples fato de que o pensamento imperialista não acabou, mas sim foi ressignificado ao longo dos séculos. Assim, atesta que

Estão em jogo territórios e possessões, geografia e poder. Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios, e portanto precisaram fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros. Por inúmeras razões, elas atraem algumas pessoas e muitas vezes trazem uma miséria indescritível para outras. (SAID, 2011, p. 27)

Tão vasto e, ao mesmo tempo, tão detalhado é o imperialismo como experiência de dimensões culturais cruciais que devemos falar em territórios que se sobrepõem, em histórias que se entrelaçam, comuns a homens e mulheres, brancos e não brancos, moradores da metrópole e das periferias, passados, presentes e futuros; esses territórios e histórias só podem ser vistos da perspectiva da história humana secular em sua totalidade. (SAID, 2011, p. 87)

Nesse ínterim, faz todo o sentido que a fala de Weir e a de Said tenham ressonâncias, mesmo distantes em território. Isso porque as marcas imperialistas e/ou coloniais atingem as histórias de todos os espaços geográficos, mesmo que de formas diferentes. Isso, de certa forma, revela e justifica os entrelaçamentos de vozes contra colonizadoras ao redor do mundo, já que, independentemente do local, são grupos semelhantes que sofrem na pele e na terra as consequências desse processo - indígenas, negros e negras, imigrantes etc. Desse modo, a



literatura - escrita ou oral - é o lugar em que a crítica social se projeta, reverberando uma atitude anticolonial que rejeita e que denuncia essas violências etnicorraciais. Logicamente, encontraremos, assim, semelhanças entre as produções artísticas e culturais dessas vozes ao redor do globo, destruindo as fronteiras que separam as histórias em comum.

Essas vozes têm, hoje, discursos entrecruzados porque pouca coisa mudou desde as “independências” das colônias e desde o fim da escravatura, principalmente nas américas. Ainda que estejamos no século XXI e perante diversas organizações políticas compostas por indivíduos que se propõem anticoloniais e que se colocam ao lado dos menos privilegiados (característica dos movimentos de esquerda), percebe-se que a questão territorial continua sendo alvo do discurso mercantil e colonizador, já que ou a terra é de domínio das elites (no auge do capital) ou é considerada como objeto do Estado (nas tentativas socialistas ao redor do mundo).

Nesse viés, o olhar de Weir (2018) é fundamental para o entendimento sobre a forma como os povos - aqui, mais especificamente, na América Latina - (re)organizam-se nos processos de territorialização. Suas reflexões sobre a terra e o papel social que ela desempenha declaram uma crítica à concepção ideológica monetária e racista que perpassa as divisões territoriais na América Latina (e também no mundo). Weir (2018) diz que, mesmo diante da alternância entre direita e esquerda nos governos latino-americanos, historicamente há o deslocamento dos povos indígenas, negros, pobres e camponeses para espaços urbanizados de miséria nas cidades, o que deflagra um neocolonialismo revestido de democracia e de direitos iguais. Para ele, essa condição configura a necessidade de organização desses grupos para inverter essa lógica de apagamento, de exclusão e de genocídio. Segundo ele, esse é um momento

estopim de ter que recuperar o *nós* que somos na verdade e do qual o pensamento imposto pela colonialidade do poder e do saber tem nos despojado, tornando o *fazer nóstrico* sobre o qual nossos povos-culturas se fundaram em mera aspiração de um “Eu” individual que, ao parecer, deixa-nos somente a possibilidade de sobreviver no contexto de territórios despedaçados, do grito de “salve-se quem puder” migratório, pelo qual também somos criminalizados, perseguidos e condenados, e que, além disso, aliena-nos da possibilidade verdadeira, seguir nosso próprio caminho de *Fazer comunidade*. (WEIR, 2018, p. 6)

Assim, infelizmente, independentemente do contexto histórico, o uso capitalizado da terra tem desmantelado, propositalmente, a possibilidade de construção de uma união mais forte que poderia surgir dos grupos mencionados - negros, indígenas e pobres, que são alvos centrais da discussão territorial por serem historicamente marcados pela visão colonial. Assim, o autor reitera que o processo de desterritorialização é feito com o objetivo de

desterritorializar, principalmente, a consciência do indivíduo marginalizado - sobre si e sobre o grupo no qual se insere -, pois, dessa maneira, afasta-se as comunidades de suas memórias, que têm origem geográfica. Isso quer dizer que a colonialidade deseja

desintegrar ao nós de sua originária condição territorial e da práxis de sua territorialidade; de tal maneira que a conversão do território em mera propriedade privada (do capitalismo), como a posseção Estatal do território (no socialismo), não só despoja territorialmente às comunidades, mas, sobretudo, aliena-as do espírito *nóstrico* de sua territorialidade. (WEIR, 2018, p. 7)

Desse modo, estudar o conceito de território envolve, sem dúvida, olhar para os processos que impõem barreiras (geográficas e sociais) aos sujeitos que são subalternizados pelo sistema, além de perceber as consequências desses deslocamentos, ou melhor, isolamentos espaciais. Assim, os arranha céus das cidades se posicionam de costas para as periferias - e, logicamente, para os grupos sociais que nelas se encontram -, e as terras férteis são utilizadas para uso pecuarista, em vez de serem territórios indígenas por direito. Nesse sentido, incluindo-se na problemática territorial, Weir (2018) sentencia que os sujeitos em questão estão “amarrados a um destino imposto por poderes alheios” (p. 7), o que lhes afasta da possibilidade de fazer comunidade, ou seja, de viver a territorialidade como os “povos-culturas” (p. 6) que são, o que confirma a continuidade histórica e violenta do pensamento imperial.

Por fim, além das vozes dos dois estudiosos mencionados, Said e Weir, que, apesar das diferenças de recorte, de origem, de raça, de território e de cosmovisões, são alvos de olhares e de processos que lhes consideram os “outros”, como disse Said (2011), dentro de um sistema que estabelece bem objetivamente um “nós” – este masculino, branco e privilegiado pelo imperialismo –, faz-se necessária uma voz local, brasileira, que discorra sobre o tema a partir dos reflexos históricos do colonialismo no país; uma voz quilombola, que constrói sua sabedoria na e a partir da terra, demonstrando outro tipo de ligação com seu espaço de vivência. Essa voz é a do mestre Antônio Bispo, membro, hoje, da Universidade de Brasília, onde compartilha parte de seus saberes e de sua cosmovisão ligada à ancestralidade, descolonizando a ideia de que o saber legitimado só pode estar ligado à produção científica ocidentalizada.

Bispo afirma que as concepções sobre a terra, principalmente no Brasil, são heranças coloniais, que vêm, até hoje, sendo foco dos saqueamento de terras indígenas e da gentrificação que sofrem os mais pobres nas grandes cidades. Entretanto, em contraste com o pensamento colonizador, o autor estabelece que os afro-pindorâmicos, termo que se refere aos negros e negras e aos povos indígenas na história brasileira, vivem sob outra lógica social –

seja por determinação da gentrificação e do neocolonialismo, seja pelos ensinamentos ancestrais acerca da comunidade e da terra – e, por isso, são alvos de um genocídio histórico e crescente, que ocorre em diferentes territórios, seja em aldeias indígenas, em periferias urbanas, em quilombos, em ocupações etc. Nesse viés, demonstra, no texto *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015), a concepção quilombola acerca da terra, traçando um paralelo histórico entre o ontem escravocrata - que não é tão ontem assim - e o hoje genocida e desterritorializado.

Em sua análise, Bispo utiliza o termo contra colonizadores para representar esses grupos subalternizados e violentados na história brasileira, os quais não desistem de lutar para inverter a desigualdade e o racismo vigentes. Assim, os afro-pindorâmicos, em sua opinião, simbolizam um exato oposto aos colonizadores, estes que vivem sob as regras ocidentais monoteístas, individualistas e autoritárias e, por isso, não conseguem dar outro sentido à terra que não o de serventia aos luxos e às acumulações monetárias do homem. Num paralelo histórico, Bispo (2015) afirma que, para os contra colonizadores,

a terra era (e continua sendo) de uso comum e o que nela se produzia era utilizado em benefício de todas as pessoas, de acordo com as necessidades de cada um, só sendo permitida a acumulação em prol da coletividade para abastecer os períodos de escassez provocados por irregularidades climáticas, guerras ou os longos períodos de festividades. (...) O termo Quilombo caiu em desuso, (...). Porém, a criminalização e a violência contra essas comunidades permaneceram, tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial. (BISPO, 2015, p. 26)

Em uma análise interessantíssima, Bispo (2015) afirma, pois, que os processos colonizadores brasileiros se constituem, dentre diversos outros fatores, pelo antagonismo entre as culturas europeias colonizadoras (aqui, portuguesas) e os modos de vida dos indígenas nativos e dos africanos diaspóricos. Enquanto estes se organizavam de forma coletiva e compreendiam a terra como parte dessa coletividade, os europeus escravocratas tinham relações individualistas, centradas sempre em uma figura de poder – seja um Deus, seja um rei, seja um senhor da casagrande –, e experienciavam a solidão do acúmulo inescrupuloso de materiais. Mesmo diante de toda a violência e de todas as desterritorializações (tanto dos africanos que são retirados de seu continente quanto as dos indígenas que perdem sua conexão com suas terras ancestrais), os povos afro-pindorâmicos encontram novas formas de sobrevivência nos territórios, a partir de relações comunitárias que respeitam e cultivam a terra como parte do cotidiano e de processos de marronagem que garantem a continuação das raízes ancestrais. Diante disso, 500 anos depois do início dessa

história de violências e de apagamentos, Bispo (2015) enxerga uma triste realidade cíclica, sentenciando que, hoje,

O que podemos perceber é que essas comunidades continuam sendo atacadas pelos colonizadores que se utilizam de armas com poder de destruição ainda mais sofisticado, numa correlação de forças perversamente desigual. Só que hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam a sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os nossos territórios e todos os símbolos e significações dos nossos modos de vida. (BISPO, 2015, p. 41)

podemos afirmar que a guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputa de territorialidades. Nesse contexto, nós, povos contra colonizadores, temos demonstrado em muitos momentos da história a nossa capacidade de compreender e até de conviver com a complexidade das questões que esses processos têm nos apresentado. Por exemplo: as sucessivas ressignificações das nossas identidades em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigmas; a readaptação dos nossos modos de vida em territórios retalhados, descaracterizados e degradados; a interlocução das nossas linguagens orais com a linguagem escrita dos colonizadores. (BISPO, 2015, p. 51)

É perceptível, assim, que a análise de Bispo (2015) sobre a territorialidade soma-se com as de Weir (2018) e de Said (2011), demonstrando, ainda mais, as relações desiguais de direitos que ocorrem atualmente no Brasil, o que denuncia, infelizmente, que os afro-pindorâmicos continuam, constantemente, sendo alvo de desterritorializações no país, ainda que o tenham fundado e construído. Com sua voz, é possível concluir a complexidade do termo território quando nos referimos a uma antiga colônia na qual poucos aspectos, de fato, mudaram. Desse modo, o território é, aqui, a materialidade que gera disputas de cunho identitário e racista, afinal são os restos territoriais, já explorados e renegados pelo homem branco, que são impostos aos povos em questão, o que revela explicitamente as relações coloniais vigentes que regem as normas e a socialização do estado brasileiro.

Portanto, estudar territorialidade envolve entender os vestígios imperialistas e coloniais que constroem a valoração das terras e que determinam o lugar de pertencimento dos sujeitos colonizados. Nessa lógica, percebe-se que os afro-pindorâmicos seguem tendo que resistir às opressões coloniais, hoje materializadas pelos governos e pelas elites brasileiras, que os marginalizam e que os impedem de restituir uma memória coletiva diante dos processos violentos de destruição de suas terras, de suas culturas e de suas próprias vidas. Para Bispo (2015), a reivindicação dos territórios nada mais é do que a reivindicação do direito de existir num país construído sob sangue indígena e negro. Dessa forma, estudos aprofundados sobre as relações territoriais e sobre as vozes insurgentes ao contexto são

fundamentais para que se quebre o privilégio histórico que determina o lugar que cada um deve ocupar - privilégio esse que é assegurado pelos discursos meritocráticos, racistas e capitalistas. Assim, as desterritorializações não acontecem por acaso, afinal o território não é, segundo os estudiosos mencionados, apenas uma porção de terra, mas sim o lugar onde os povos têm a chance de se organizarem para defender seus direitos e para manifestar seus saberes e suas memórias - o que constitui o medo histórico das elites brasileiras.

## A AUTORIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E OS EFEITOS NARRATIVOS DA ESCREVIVÊNCIA

Buscando concretizar o objetivo de estudar as questões de territorialidade por meio da escrevivência, escolheu-se o romance *Becos da Memória*, da autora brasileira Conceição Evaristo. Visto que a literatura trata do mundo a partir de olhares situados em espaços geográficos e políticos, é possível e muito compreensível que um conceito como o de território possa ser interpretado utilizando narrativas literárias, porque estas criam espaço para que os sujeitos questionem as realidades impostas e historicamente naturalizadas, projetando suas vozes, na maior parte das vezes, com teor crítico - para o bem ou para o mal.

Esse papel da literatura é abordado por Antonio Candido (1989) em “O direito à literatura”, ensaio no qual o mais famoso crítico literário brasileiro discute a necessidade de entendermos a literatura como um direito que assegura à sociedade a integridade da mente, já que esta é questionada, mobilizada e atingida pela leitura. Desse modo, Candido defende que precisamos enxergar a literatura como um tema importante de debate amplo, compreendendo os livros como eixos de transformações sociais significativas e fazendo com que o acesso a eles deva ser uma problemática fundamental do nosso país, visto que, segundo o autor, é a literatura que pode impulsionar os leitores a estabelecerem mudanças fundamentais em suas realidades, numa atitude de resposta e de luta ao que o sistema político impõe. Para ele,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

Assim, em concordância com esse pensamento de Candido, é possível perceber que a territorialidade - no que tange não só sua importância para determinados povos mas também as disputas que ocorrem no Brasil - pode ser sim analisada a partir do texto literário, vendo-o como esse “instrumento” capaz de ficcionalizar os sentimentos dos indivíduos que, diariamente, lutam pela posse de suas terras num país onde não há respeito ao lar e à disposição geográfica e cultural de alguns sujeitos marginalizados. Nesse sentido, é necessário reforçar a ideia de que a literatura e as pesquisas relacionadas a ela têm importância em debates desse cunho social, pois é possível perceber que problemas políticos e individuais vêm sendo debatidos, historicamente, por fortes vozes poéticas, que, além de documentar e de

analisar sua época e realidade, são capazes de nos proporcionar um olhar poético, contestador e único a cada produção.

Diante desse poder literário e do vasto acervo brasileiro, fez-se importante escolher uma voz que pudesse trazer à tona a territorialidade a partir de uma perspectiva combativa e contra-colonial - em concordância com Bispo (2015). Não bastava, para esse estudo e para essa temática, uma narrativa literária que se propusesse distante da questão territorial, alheia a ela. Utilizar-se, dessa forma, de um autor oriundo da elite que escreva a partir de um olhar próprio dessa camada não seria, provavelmente, suficiente para que a temática fosse bem explorada, afinal o território é uma questão basilar na vida de um sujeito, sendo parte crucial para sobrevivência e para o desenvolvimento de uma determinada comunidade. Assim, quem não confronta-se com essa realidade ao seu redor - seja por meio de histórias contadas, seja por sua própria memória ou vivência - teria dificuldades para abarcar a temática com complexidade na narrativa.

Porém, dona de voz mansa e melodiosa, Conceição Evaristo, escritora mineira inovadora no Brasil, é capaz de fazer com que temáticas sociais que envolvem a desigualdade brasileira possam vir à tona por meio da narrativa. Mesmo em tom de poesia, sua voz e enredos são capazes de desestruturar corpo e mente de quem a lê, já que ela narra essas temáticas indispensáveis para o nosso país de forma crua e crítica, mas cheia de marcas da oralidade e com um cuidado imenso em relação às memórias ancestrais que lhe foram confiadas por mulheres e homens - majoritariamente negros - ao longo de sua vida, principalmente na sua infância. Assim, a literatura de Evaristo trabalha com questões como a territorialidade, aqui estudada, e com questões de gênero e de raça, que são latentes no Brasil, que ainda tem raízes coloniais expostas nas feridas históricas dos sujeitos colonizados.

Conceição constrói, nesse sentido, um fazer literário que tem origem relacionada ao seu contato, ainda em fase pueril, com as histórias que lhe rodeavam, principalmente em sua própria casa. Assim, a memória coletiva (de certo modo, ancestral) daqueles que eram provenientes do espaço onde ela cresceu e a oralidade das vozes - presente pela contação de histórias da família e das vizinhas - fazem-se fundamentais na obra de Evaristo. Segundo reflexão própria sobre seus textos, Evaristo afirma: “eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras (...) a cultura da oralidade faz parte do nosso patrimônio” (EVARISTO, 2009, s.p.). Por isso, sua obra tem a capacidade de narrar, de forma autoral e próxima ao povo, temáticas que não são, de fato, vistas ou vividas diariamente por todas as camadas sociais e por todos os brasileiros, mas sim que são particulares de grupos mais pobres e mais marginalizados no cenário urbano, situados, na maior parte das vezes, nas favelas brasileiras.

Pensar, desse modo, a territorialidade na obra de Conceição Evaristo é ter a possibilidade de percepção da problemática geográfica que, ao longo da história brasileira, atinge alguns grupos - marcados, principalmente, por classe e por raça -, os quais são distanciados forçosamente dos centros de poder. Nas narrativas da autora, é forte a presença, assim, da favela, espaço urbano de deslocamento daqueles que não podem pagar pelo metro quadrado dos bairros nobres das capitais do país. Esse lugar, na voz de Conceição, faz-se personagem simbólico de seus textos literários, apresentando-se como parte pulsante e determinante da vida de tantos indivíduos - lavadeiras, antigos escravizados, domésticas etc.

Consoante a essa afirmação, Simone Pereira Schmidt, professora de literaturas africanas da UFSC, no artigo “Sobre favelas e musseques” (2010), explicita essa temática territorial na escrita de Evaristo, considerando as favelas como “lugares simbólicos, associados a importantes sentidos de classe, gênero e raça advindos da experiência colonial” (SCHMIDT, 2010, p. 207). Além disso, Schmidt afirma que essas favelas narradas constroem um duplo - real e ficcional - importantíssimo para a autora,

já que remetem a posições que transitam do sentido geográfico e espacial às questões identitárias ligadas a aspectos sociais e raciais. Além de espaços urbanos concretos, [as favelas] são metáforas que nos falam da distância existente entre diferentes lugares na geografia social das cidades. (SCHMIDT, 2010, p. 207)

Diante disso, as narrativas de Evaristo se diferenciam do que geralmente é escrito por outras autoras, afinal ela tem, por meio de sua obra, um propósito pré-estabelecido importante de denúncia social. Conceição representa, por meio de suas temáticas, sua própria experiência social como mulher negra de origem pobre e também a experiência coletiva daqueles que compartilham com ela essas mesmas características. Dessa forma, conta a vida de mulheres e de lugares que, mesmo ficcionalizados, são reais e bem verossímeis para o cenário brasileiro e para a perspectiva colonial que atravessa a história do Brasil.

É evidente, pois, que a literatura de Evaristo destoa da maioria das produções de autoria masculina e branca, já que organiza, desde a origem do fazer literário, uma espécie de visão contra-colonial (que parte de uma mulher afro-pindorâmica, ainda consoante Bispo) acerca do Brasil. Suas narrativas estabelecem nitidamente uma figura que narra com proximidade as questões que tangem os mais pobres, as mulheres negras e os sujeitos periféricos nos centros urbanos. Ela, junto com outras fortes vozes em ascensão, como a de Carolina Maria de Jesus - escritora brasileira célebre que, como antecessora de Evaristo e outras tantas mulheres negras, já narrava sua vida - sendo autora e personagem - como catadora e moradora da Favela do Canindé, em São Paulo. Assim, Conceição e Carolina (além



de Maria Firmina dos Reis, Ana Maria Gonçalves e tantas outras grandes autoras) constituem uma gama de escritores(as) negros(as) que têm sido consolidados(as), aos poucos (infelizmente), pela recepção literária no Brasil, seja por criarem textos que de grande valor estético, seja pelo conteúdo e pela representatividade que constroem diante de um campo discursivo que sempre foi construído por vozes da elite brasileira.

Entretanto, as produções de autoria negra e feminina no Brasil começam a ter foco apenas com as lutas constantes dos movimentos negros, que pressionam, principalmente, a mudança dos espaços universitários, reivindicando um viés menos racista e excludente na academia. Rosemere Ferreira da Silva, professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), percebe a desvalorização dessa autoria em um artigo que escreve sobre Ponciá Vicêncio, primeiro romance publicado da autora Conceição Evaristo. Silva (2017) afirma, a partir de anos de estudo sobre a produção literária afro-brasileira e a partir do romance mencionado, que

Na literatura brasileira, as escritoras negras, negligenciadas do conjunto da produção literária nacional, formam uma espécie de “apêndice literário”, quando referidas por uma crítica que totalmente ignora a relevância, não só em termos de conteúdo, quanto ao que se identifica como “boa literatura”, mas, sobretudo, em relação à composição estrutural do texto por elas elaborado. E neste sentido, a preciosidade do debate recai exatamente sobre a combinação que as escritoras negras conseguem fazer entre a produção de uma escrita literária e o alinhamento do texto com aspectos que transcendem a literatura. Ao recorrer à literatura como comunicação textual, elas são capazes de uma articulação profunda e necessária com uma forma filosófica de pensar o mundo e as relações entre os sujeitos. (SILVA, 2017, p. 8)

Em concordância com o pensamento de Silva (2017), a pesquisadora de literatura afro-latino-americana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Liliam Ramos da Silva, no livro “Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira” (2018), diz que essas escritas de autoria negra - como a de Conceição - “reformulam o *corpus* da literatura brasileira ao incorporar negras e negros como personagens que assumem a enunciação, privilegiam a cosmovisão africana como componente identitário brasileiro e denunciam práticas racistas e opressoras vivenciadas pelas comunidades negras” (p. 116). Diante disso, pode-se inferir que a representação de personagens negros e negras na literatura da Evaristo, bem como a de suas jornadas e de suas relações territoriais, tem uma potência importante, já que essa representação discursiva (a partir das próprias experiências da autora como mulher negra e brasileira de origem humilde) traz uma realidade que é também enfrentada por outros sujeitos que são marcados, histórica e colonialmente, por gênero e raça na sociedade brasileira.

Nesse viés, Edward Said, que é, principalmente, um grande crítico literário, afirmou que obras que partem de uma autoria que responde ao período colonial e ao presente ainda imperialista são ferramentas fundamentais utilizadas por esses sujeitos que clamam por uma urgente reparação histórica em relação ao passado e à atualidade socialmente desiguais. Além de conseguirem, com maior legitimidade e profundidade, debater perspectivas de mundo não antes adotadas pelos indivíduos que foram privilegiados, ao longo dos tempos, pelas disputas ideológicas sobre o poder, essas vozes - sejam elas femininas, negras, desterritorializadas, periféricas, indígenas etc - são potentes na tentativa de reivindicar uma História mais detalhada, vista de mais de um ponto e marcada com menos hierarquia. Assim, o autor estabelece, em *Cultura e Imperialismo* (2011), que

um rol impressionante de vozes recém-assumidas pedindo ouvidos para suas narrativas. (...) essas populações e vozes já estão aqui faz algum tempo, graças ao processo globalizado desencadeado pelo imperialismo moderno; ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais, a interdependência de terrenos culturais onde colonizador e colonizado coexistiram e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como de geografias, narrativas e histórias rivais, é perder de vista o que há de essencial no mundo dos últimos cem anos. (SAID, 2011, p. 13)

Dessa forma, é fundamental pensarmos a obra de Evaristo como um instrumento poético (considerando as produções literárias da mesma forma que Candido) na luta contra o apagamento e contra a colonialidade dos saberes e dos seres (como afirma a obra da intelectual latino-americana Catherine Walsh sobre o tema). Nesse sentido, Said (2011) acredita no poder das produções que partem do lugar marginalizado de fala quando afirma:

não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. (SAID, 2011, p. 15).

É possível afirmar esse pensamento a partir da leitura das narrativas de Evaristo, pois essas dão eloquência a vozes que poucas vezes antes tiveram espaço ou chance de denunciar ao grande público brasileiro suas mazelas. Por isso, a importância do seu testemunho literário é enorme, já que suas obra reconta histórias vividas pelas mulheres lavadeiras da periferia, pelas domésticas negras nos centros urbanos, pelos homens que foram engolidos pelo crime diante da falta de oportunidades e pelos tantos sujeitos que têm um passado guardado entre “becos das memórias” que lhes restam e que podem lembrar dos acontecimentos dos reais becos das favelas onde viviam. Dessa maneira, a doutora em literatura sentencia o seu objetivo de escrita e sua proposta literária, dizendo que

se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (...) A nossa Escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Frente ao debate de temáticas sociais polêmicas para as elites e a uma forma própria e poética de narrar a oralidade, Liliam Ramos da Silva (2018) afirma que produções como a de Evaristo exigem da crítica literária novas perspectivas e conceitos, que sejam capazes de compreender, a partir da mobilização de outras cosmovisões e de um olhar menos colonizado, as características pulsantes dessas narrativas, principalmente inserindo-as dentro do panorama latino-americano de autorias negras, na tentativa de diminuir as fronteiras estabelecidas entre os territórios latino-americanos. Para ela, “tal redirecionamento dos conceitos literários em uma perspectiva decolonialista possibilita uma análise textual que possa suturar a ferida colonial (MIGNOLO, 2007), o sentimento de inferioridade imposto aos seres humanos que não se encaixam no modelo predeterminado pelos relatos euroamericanos” (SILVA, 2018, p. 119). Assim, um dos conceitos que se encaixa nessa posição decolonial - ou seja, que tenta reverter a lógica historicamente colonial de análise literária - foi cunhado pela própria Evaristo: a Escrevivência (trazida também no trecho acima).

Em entrevista ao Nexo Jornal, Evaristo conta a origem da palavra que, criada sem pretensão, acabou por cunhar para explicar e registrar o seu fazer literário. A força do conceito de escrevivência, nesse ínterim, parte de sua construção morfossemântica - “um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver” (EVARISTO, 2017, s.p.) - e do sentido que a autora vincula ao termo a partir do uso. Diante do termo, Evaristo afirma

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. (...) Usei “escrevivência” pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”. (...) Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. (...) Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (EVARISTO, 2017, s.p.)

Desdobrando o conceito de “Escrevivência”, complementa a discussão, na mesma entrevista, dizendo que o termo

traz uma vertente com novas histórias, novos enredos, novos personagens, que na verdade borram a literatura. Essa autoria tem um discurso literário que se distancia do que foi escrito até hoje a nosso respeito. Ela parte de dentro de nossas experiências, somos nós dizendo de nós mesmos, nós como sujeitos de autoria, como sujeitos de temática, criando os nossos próprios enredos. (EVARISTO, 2017, s.p.)

Analisando a explicação de Evaristo, é possível perceber que o termo *escrevivência* é, na verdade, um termo que tem relação com todas as autorias literárias em geral - seja no Brasil, seja no mundo. É fato que todo autor ou autora escreve e narra a partir de sua própria voz, ou seja, tem um discurso afetado pelo lugar de onde produz, por aquilo que já viveu e pelo seu papel social. Porém, quando trata-se da autora em questão e da autoria de outras mulheres negras, como ela mesma destaca, a *escrevivência* adquire novo sentido - que é o que ela deseja veicular -, afinal parte de uma perspectiva específica, marcada pela enunciação de quem tem vivências que foram atravessadas por resquícios coloniais e imperialistas, ainda mais considerando que estes foram modificados, historicamente, por questões capitalistas no auge da modernidade.

O grande problema é que a academia não parece estar preparada o suficiente para aceitar e para ouvir discursos que provocam e que questionam a hegemonia histórica que ocupa os espaços de poder na produção cultural brasileira - o que é perceptível tanto pela decisão dos currículos universitários quanto pela dificuldade de publicação de autores e autoras marginalizados socialmente. Para comprovar isso, a pesquisa da professora doutora Regina Dalcastagnè, da Universidade Federal de Brasília (UnB), relatou, em 2018, a confirmação dessa hierarquia na literatura, chegando a uma resposta para a pergunta de pesquisa que mobilizou anos de estudo de seu grupo (iniciada em 2003): quem e sobre o que escreve o autor brasileiro? Segundo Dalcastagnè,

O que essa pesquisa mostra é que quando as grandes editoras publicam livros que tratam sempre dos mesmos temas e trazem um perfil de autor muito parecido – e são esses livros que são resenhados nos jornais, que estão nas livrarias do país inteiro –, elas estão dizendo ao leitor o que é considerado literatura e quem pode ser chamado de escritor no Brasil. A presença dentro das livrarias e dos jornais é um carimbo do que é considerado literatura: se você quiser ser escritor, tem que se parecer com *isso*. O que é bastante perverso, principalmente quando se pensa na autoria de mulheres, de indígenas, de negros, periféricos ou pobres que estão longe deste circuito e que acreditam que têm algo a dizer, que acreditam que também podem expressar o mundo através da literatura, mas que acabam recusados de algum modo. O que está sendo dito, hoje, é que o que eles podem vir a fazer não é válido. (DALCASTAGNÈ, 2018, s.p.)

É evidente, portanto, com os resultados apresentados, que o Brasil e a literatura brasileira se constituem, ainda citando a autora, em “um ciclo vicioso de publicações homogêneas, escritas do ponto de vista de uma classe média autorreferente e ‘entediante’” (DALCASTAGNÈ, 2018, s.p.). Desse modo, fazer com que a literatura de Evaristo - e, mais ainda, a literatura de outras vozes marginalizadas ou periféricas, que estão surgindo nos slams, nos saraus, nos CDs etc - seja ouvida e recebida pelo grande grupo envolve criticar e mudar os cursos universitários, os currículos escolares, o cenário cultural urbano e a elitização das editoras e produtoras, ou seja, transformar esse olhar imperialista que domina, inclusive, a literatura e as expressões poéticas, eliminando, apagando e diminuindo aquilo que surge à margem e que têm tanto a dizer - principalmente contra esse sistema todo, que não quer ser questionado, mas deve.

A partir da conclusão da pesquisa, percebe-se o quanto algumas vozes têm uma dificuldade infinitamente maior de serem ouvidas no Brasil, principalmente devido ao discurso imperialista - como demonstra Said (2011) - que perpassa as relações sociais racistas e elitistas que persistem em uma lógica sistemática nos países que sofrem com a colonização. Por isso, a literatura de Conceição pode ser considerada uma flecha afiada que acerta diretamente o preconceito e a perversidade dos discursos e das atitudes daqueles que foram privilegiados pela história colonial brasileira e que, hoje, são centrais não só por suas vozes de poder, mas também por sua localização geográfica no microssistema que é a cidade.

Assim, retomando a voz de Liliam Ramos da Silva (2018), é possível dizer que Conceição consegue narrar, usando o recurso memorialístico, situações de resiliência envolvendo a história e a ancestralidade dos negros e negras brasileiros, demonstrando a capacidade de sobrevivência, de denúncia e de luta desses povos para ocupar e para modificar os espaços majoritariamente ocupados por homens brancos. Por isso, Silva (2018) enxerga que o conceito de escrevivência deve ser usado pela crítica literária, principalmente pela academia, ainda presa a um discurso que reforça as desigualdades do país. Ao estudar obras produzidas pela autoria negra, é necessário e fundamental que se tome uma posição contra-colonial na tentativa de atualizar o imaginário literário que foi reforçado, historicamente, por uma única visão - privilegiada de status, de poder e de fala. Isso porque, bem como as histórias de escrevivência, a teoria literária precisa criticar, junto aos textos, os problemas sociais que envolvem temáticas urgentes na América Latina, como a questão territorial aqui abordada. Desse modo, é importante compreender, verdadeiramente, que autores que assumem a escrevivência como fundamento de suas construções literárias percebem o

espaço proporcionado pela literatura para desenvolver em seus textos uma crítica social pautada na discriminação e no racismo, vigentes em seus países de origem, confirmando que os discursos de igualdade e democracia não passam de tentativas de mascarar a continuidade da opressão às comunidades negras. (SILVA, 2018, p. 130 e 131)

Essa afirmação explica a escolha de recorrer à voz de Conceição para falar sobre a temática da territorialidade no Brasil. Acima de tudo, quer-se afirmar a necessidade de denunciar que não houve superação da colonização brasileira e que o território é, realmente, um exemplo disso, afinal a geografia urbana virou alvo da capitalização das elites, o que é o assunto do livro que será debatido pelo trabalho em questão: *Becos da Memória* (2013), de Evaristo. Fazer uso da discursividade dessa mulher autora é, nesse sentido, dar foco a uma narrativa de experiência, que traz a memória como fio condutor entre o texto e as vivências dos personagens favelados nesse espaço de disputa geográfica.

Para Eduardo de Assis Duarte, professor da pós-graduação da UFMG, essa escrevivência retoma vozes coletivas e faz da favela personagem das narrativas, já que é nela que, como visto no capítulo anterior, que os indivíduos se estabelecem em comunidade e realizam suas atividades socioculturais. Para Duarte (2019)

No momento, quem mais explicita o veio documental de sua obra é Conceição Evaristo, que reivindica para seus textos o estatuto de *escrevivência*: “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias.” (Evaristo: 19). A exiguidade de espaço dos barracos da favela e a proximidade entre uns e outros estreita os caminhos dos becos e também das vidas que ali se cruzam, fixando tais experiências na memória da futura escritora (DUARTE, 2019, s.p.)

Por conseguinte, é por essa veia documental que este trabalho irá encontrar vestígios das relações territoriais no Brasil, fazendo da literatura, mais especificamente do romance *Becos da Memória* (2013) o alvo do estudo. Interessa aqui perceber como esses becos são narrados, quais críticas sociais são instauradas por essa narrativa memorial (a escrevivência) e qual é, de fato, a relação entre os indivíduos e o espaço geográfico em que estão inserido (a favela). Fica evidente, a vista disso, a importância da voz de Conceição: é ela quem, a partir de uma performance como contadora de histórias e como poeta entre o oral e o escrito, poderá, no romance em questão, desdobrar os motivos pelos quais o território importa tanto não só para os personagens do livro, mas também para os indivíduos brasileiros que sofrem, hoje, com essas disputas geopolíticas.

## ***BECOS DA MEMÓRIA: O TERRITÓRIOS NAS PALAVRAS***

No início do livro *Fazer comunidade* (2018), José Ángel Quintero Weir, a partir da cosmovisão indígena - já citada no capítulo 2 -, narra os acontecimentos de um evento chamado “Encontros de Oralitura” (WEIR, 2019, p. 9), que, na Universidade Autônoma Indígena (UAIN), tomava forma. Tentando valorizar a ancestralidade e a sabedoria comunitária dos povos wayuu (grupo étnico ameríndio que se localiza entre a Colômbia e a Venezuela), a universidade promovia espaços onde anciãos e anciãs ensinavam os mais novos sobre a vida dessa comunidade ameríndia antes da interferência do Estado e dos brancos. Segundo ele, esses Encontros de Oralitura “aconteciam somente para o prazer de falar da memória do passado” (WEIR, 2018, p. 9), preservando a lembrança coletiva dos wayuu e suscitando a valorização do saber popular e da ancestralidade, o que, para ele, significa propiciar formas de ensinar sobre o mundo, sobre os territórios, sobre a língua e sobre resistência. A importância desses encontros, dessa maneira, é tamanha ao longo da história, já que relembrar o passado hoje, principalmente entre os wayuu já urbanizados na cidade de Maracaibo, em Zulia, na Venezuela, é uma forma de resistir e de reexistir nas palavras e na memória da comunidade.

Em *Becos da memória* (2013), de Conceição Evaristo, Maria-Nova, menina que constitui a personagem principal da narrativa e que é uma espécie de narradora participante dos eventos e semeadora das lembranças, estabelece essa mesma relação de Oralitura explicada por Weir, afinal ela reconstrói a história de cada personagem dos becos da favela onde vivia, bem como revive a lembrança do próprio espaço geográfico onde a história toma forma, o qual sofre com a desterritorialização premeditada. Assim, é o poder do olhar dessa menina que faz a retomada das histórias dos anciãos e dos demais moradores da favela, recontando a oralidade (presente na contação de histórias por entre os becos da narração) a partir da escrita, que, mesmo em um espaço muito pobre e em tempos de direitos ainda mais precarizados (antes de 1986, escrita do texto), era ela quem dominava. Desse modo, utilizando novamente as palavras de Simone Pereira Schmidt (UFSC), antes mencionada como uma crítica literária da obra de Conceição,

contra o poder da morte e destruição dos tratores que avançam sobre os barracos e seus moradores, encontramos a força da narrativa de Maria-Nova, com seus olhos e ouvidos atentos às histórias dos mais-velhos, com a sua ligação a todas as experiências compartilhadas nas dores e nas alegrias da favela, quem irá se incumbir de reter na memória a vida ameaçada, e tomará para si a tarefa de um dia escrevê-la.

(...) A força das palavras, da memória e da narrativa são armas encontradas por Maria-Nova para seguir sua luta pela vida, mesmo depois da morte de muitos personagens e da destruição da favela. (SCHMIDT, 2013, p. 21)

Assim, a escrevivência de Evaristo e a semeadora de histórias Maria-Nova (que não é a primeira pessoa do discurso, mas que é o foco da narrativa) misturam-se na tentativa de resgatar a memória coletiva dessa comunidade usando a literatura como ferramenta sociocultural para tal feito. Nessa pesquisa, interessa perceber como o território, lugar onde a comunidade narrada se estabelece geograficamente, participa da narrativa, sendo determinante para a construção, beco a beco, desse emaranhado de retalhos memorialísticos dos personagens. Não interessa, porém, a confiabilidade dessas memórias (discussão feita, principalmente, por Walter Benjamin, em “O Narrador”), pois o território está, independentemente disso, sendo narrado pela perspectiva da escrevivência, ou seja, é resultado da união das lembranças ficcionalizadas por Evaristo através de sua possibilidade poética de analisar e descrever uma favela, constituindo-a como afetiva e, ao mesmo, trágica e instável para os personagens criados nessa narrativa de Maria (ou de Evaristo). Importa, assim, entender que essas relações territoriais são, de fato, espelho da realidade, pois, relembando o capítulo 2, o território é, verdadeiramente, o lugar de desenvolvimento de uma determinada cultura em comunidade e, infelizmente, fora da ficção, os moradores das favelas sofrem com a instabilidade territorial e com a desigualdade social que são retratadas na narrativa.

A escrevivência, nesse sentido, faz com que o debate sobre o conceito seja mais vivo, no sentido de que ela culmina na narração feita com uma perspectiva presente, ativa e memorialística da vida na favela, e não distante e centralmente urbanizada, feita a partir do alto espaço de poder da elite. Por isso, em *Becos da memória* (2013), os personagens são uma representação dos sujeitos que sofrem não só com a histórica diáspora africana para o Brasil, mas também com a diáspora urbana que ocorre constantemente nas cidades, que “empurra” determinados grupos para mais perto das margens e que força, com opressão, essas linhas fronteiriças. Dessa forma, Silva (2017) afirma essa relação diaspórica, que é atualizada no romance, demonstrando que a escrevivência é

um conceito que propõe explicitar e discutir as trajetórias das histórias de afro-brasileiros, criadas pela dinâmica do movimento diaspórico no Brasil, através da qual as experiências e as vivências desses mesmos sujeitos transmitam, entre o acontecimento e a narração do fato, uma realidade sobre um modo particular de produzir literatura, como um caminho filosófico de questionamento à existência da humanidade negra no texto literário. (SILVA, 2017, p. 20)



Assim, para a crítica de Rosemere Ferreira da Silva, já experiente na obra de Evaristo, essas trajetórias, principalmente dos sujeitos negros no Brasil, são trazidas de forma autoral, reivindicando uma negritude que compartilha a ferida colonial brasileira e que merece espaço literário para fazer repercutir vozes destoantes das hegemônicas. A autora chama essa perspectiva de “particular”, mas ela também pode ser vista como combativa, pois escreve-se o que se vê, o que se ouve e o que se vive de forma poética e crítica ao mesmo tempo.

*Becos da memória* (2013), nesse viés, usa exatamente esse olhar sobre o mundo e sobre o texto para tratar da memória e da territorialidade que são focos da narrativa. Reforçando a ideia de que há, hoje, uma ressignificação das formas de opressão a determinados grupos, Maria-Nova questiona porque a história de escravização brasileira é naturalizada pela escola e porque a comunidade em que vivia estava sob tantos ataques exteriores quando, na verdade, só lutavam para sobreviver. Para Eduardo de Assis Duarte (2013), na orelha do livro em questão,

Em *Becos da memória*, novamente mergulhamos na favela - para a autora, uma encarnação contemporânea da senzala - e nas histórias de sofrimento e resistência. A favela não tem nome, nem referências geográficas precisas, fato que amplia seu simbolismo. Seus moradores sentem a todo instante as rédeas curtas da precária liberdade que a vida lhes deu: dinheiro, comida, água, tudo mingua por entre becos e pessoas condenadas a desaparecer. Eles ocupam um território urbano para o qual, inexplicavelmente, não há Lei de Usocapião. E estão sendo despejados pelos tratores dos pretensos donos. (DUARTE, 2013, s.p.)

Essa atualização de senzala para favela, na contemporaneidade, é analisada por Conceição com maestria, afinal existe um motivo por trás dos trânsitos geográficos forçados - seja na deportação de indivíduos fronteiriços a nível mundial, seja na violência das disputas que geram o genocídio indígena por suas terras de direito, seja na gentrificação urbana que “faveliza” os mais pobres. Para o filósofo e teórico político camaronês Achille Mbembe, um dos maiores - se não o maior - estudioso da construção do Negro (com letra maiúscula, como alegoria ao imaginário socialmente construído sobre os negros), nas sociedades pós-coloniais e nas relações de poder vigentes de suas estruturas sociais, essa questão territorial é só uma parte do racismo que corre por entre as veias tanto brasileiras quanto mundiais, oprimindo por raça e por classe. Para o autor, em *Crítica da Razão Negra* (2014),

O nosso mundo continua a ser, mesmo que ele não queira admiti-lo, em vários aspectos, um <<mundo de raças>>. (...) Por princípio de raças, subtende-se, aliás, a forma espectral de divisão e de diferença humana susceptível de ser mobilizada para fins de estigmatização e de exclusão, de segregação, pelos quais tenta isolar, eliminar e, até, destruir fisicamente determinado grupo humano. (MBEMBE, 2014, p. 102)

Acresce a isso o facto de o neoliberalismo representar a época na qual capitalismo e animismo, durante muito tempo obrigados a manter-se afastados, tendem finalmente a fundir-se. (...) Da potencial fusão do capitalismo e do animismo resultam algumas consequências determinantes para a nossa futura compreensão de raça e do racismo. (...) Aliás, captura, predação, exploração e guerras assimétricas seguem lado a lado (...). Em termos concretos, tal cumplicidade traduz-se na militarização das fronteiras, na fragmentação de territórios e na sua divisão. (MBEMBE, 2014, p. 15 - 16)

Nesse sentido, o olhar de Mbembe consegue explicar o porquê de os personagens de *Becos da memória* estarem sendo afastados de seus barracos, de suas lembranças, de suas vidas. O fator determinante do racismo aliado ao neoliberalismo, que hoje dita os processos econômicos e políticos não só brasileiros, mas de muitos espaços do mundo, fazem com que a favela e seus moradores sejam deslocados a partir dos desejos do mercado e dos novos imperialistas - que detêm poder não só sobre o capital, mas também sobre os corpos que são objeto do animismo nesse sistema de segregação de classe e de raça, o que Schmidt considera, com pesar, no prefácio do livro, como “a reiterada vitória dos mais fortes em nossa sociedade, fenômeno que aponta para o ‘enigma da desigualdade’” (SCHMIDT, 2013, p. 20).

No começo da narrativa de *Becos da memória* (2013), Conceição (em 3ª pessoa, mas com a perspectiva de Maria-Nova como central) estabelece quem são os personagens dessa narrativa ao dedicar, como narradora, esse texto que considera uma “homenagem póstuma”

aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Maiirinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (EVARISTO, 2013, p. 20)

Esses nomes retratam a oralidade que perpassa essa narrativa, percorrendo becos e vielas nos quais os apelidos prevalecem e as histórias se entrelaçam a cada barraco. Percebe-se, também, a prevalência de corpos negros e trabalhadores, representados pela imagens das pernas e das lavadeiras. Além disso, as mulheres têm, como visto no trecho, majoritária presença nesse romance, bem como na maior parte dos textos de Conceição. São elas que mais sofrem com as lembranças coletivas e com a opressão social, afinal as questões de classe e de raça são somadas a questões também de gênero, criando um afastamento delas ainda maior na hierarquia do poder no Brasil.

Já na página 31 da narrativa, surge, em itálico, a pergunta que abre o capítulo: “*Quem disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra?*” (EVARISTO, 2013). É interessante pensar que as raízes não são, normalmente, uma temática na literatura

contemporânea brasileira, bem pelo contrário. Porém, quando trata-se de um indivíduo que corre, constantemente, o risco de perder o pouco que adquiriu ao longo da vida a partir de seu suor diário, essa questão vem à tona e é, por isso, bem particular para os grupos marginalizados no país.

Representando esses grupos, Tio Totó, ancião de *Becos da memória*, assume a voz da ancestralidade e torna-se um dos principais contadores de histórias do livro. Ele, que tinha lembranças vivas da escravidão brasileira, não teria forças para sobreviver a essa desterritorialização. Assim, Conceição começa a entrosar os nós de um povo que sofre com as diversas diásporas ao longo da história. Maria-Nova diz, portanto, que “seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida” (EVARISTO, 2013, p. 31). Dói, nesse sentido, perceber que a escrevivência desse texto de fato relata o sentimento dos sujeitos que, fora da ficção, vivem a história de Tio Totó, não tendo direito de pertencer a uma terra nem de pôr o pé no mesmo chão por quanto tempo desejarem.

A partir do contato inicial que os leitores têm com Tio Totó, perceberão o quanto *Becos da memória* é, na verdade, um livro que apresenta, tanto de forma separada quanto aglomerada, espécies de mini contos (com histórias e percalços individuais ou coletivos dos personagens) unidos pelo mesmo espaço e voz. Isso acontece porque a narrativa evidencia que Maria-Nova, com uma ávida curiosidade, tinha acesso a esses diversos acontecimentos, pois, desde o princípio, assume o dever de recontar, um dia (talvez na figura de Conceição), as histórias com as quais teve contato. Desse modo, a análise das menções ao território e à importância dele são feitas a partir dessas histórias particulares, que são entrelaçadas a cada beco ou barraco. Logo, a territorialidade é construída através dos medos e das inseguranças de cada morador.

O fator modalizador por trás das histórias que ocorrem no dia a dia da favela é a presença constante dos tratores de uma grande empresa construtora. Eles se alojaram nesse espaço para realizar a desterritorialização desses sujeitos moradores, que, mesmo ocupando a região há mais de 50 anos, serão despejados sem o devido auxílio e sem justificativa, demonstrando que a voz de Achille Mbembe (2014) está correta: o neoliberalismo é que decide o tratamento e a localização dos sujeitos marginalizados. Assim, os personagens precisam escolher entre as migalhas que a corporação lhes oferece, sem terem rumo para seguir ou direitos sobre suas propriedades. Percebe-se isso no trecho que diz que, numa mescla de narradores memorialísticos (Conceição e Maria-Nova),

A cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. (...) Uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. (EVARISTO, 2013, p. 102)

Ainda no mesmo trecho, percebe-se a indignação da personagem principal, que via nessas alternativas desonestas oferecidas uma óbvia falta de consideração com os sujeitos pobres, o que evidencia a separação bem opressora entre um “nós” e um “eles” do discurso imperialista. Maria-Nova não entendia como o Estado permitia que os moradores fossem deslocados de seu território, afinal ela sabia a importância que a terra tem para uma comunidade. Assim, Conceição, em terceira pessoa, coloca esses sentimentos à mostra. Afirma, como uma narradora atrelada à memória de Maria-Nova, que

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. (...) Havia famílias que moravam ali há anos, meio século até, ou mais. O que seria da lei usocapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá. (EVARISTO, 2013, p. 102)

Costurando o contínuo emaranhado de retalhos por entre histórias, Maria-Nova (sempre deixando a dúvida se ela ou Conceição quem fala) demonstra, como participante ativa e presente do processo, que o desfavelamento não tinha sido anunciado de forma direta em momento algum. Nenhum morador sabia, exatamente, o que os tratores e homens fariam com seus terrenos, com seus barracos, com suas vidas. Segundo a personagem

Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando há um ano, mas tempo antes, já havia a ameaça de tudo que iria acontecer. (...) Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo. Vinha o medo. (...) Em época de eleição, apareciam por lá candidatos a votos e juravam que fariam alguma coisa por nós. (...) Às vezes ganhavam, quando isto acontecia, a nossa situação era a mesma, nós éramos os que não ganhavam nunca. (EVARISTO, 2013, p. 163 - 165)

Nesse viés, a voz de Maria-Nova (que alterna no jogo de narração em 3ª ou 1ª pessoa) muito se assemelha à crítica feita por Antonio Bispo ao escrever o livro *Colonização, Quilombos* (2015). O autor afirma-se insatisfeito, como Maria-Nova, com a política brasileira, que, independentemente da corrente com a qual descreve - esquerda ou direita -, segue repetindo os mesmos erros quando se trata de territorialidade e de questões de raça e etnia (ou seja, com temas que envolvem os afro-pindorâmicos). Seu questionamento parece espelhar, de fato, a voz de Maria.

(...) qual a diferença entre o ataque dos colonizadores contra o Quilombo de Palmares no século XVII e os atuais ataques praticados pelo grande capital contra as comunidades atingidas pelos megaprojetos, ditos “empreendimentos”, como, por exemplo, a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte? (BISPO, 2015, p. 21)

A resposta ao seu questionamento, que é construída ao longo do livro, parece não vir de possíveis pareamentos políticos, mas sim da união dos povos que chama de afro-pindorâmicos (que fazem parte da origem saqueada e colonial do país e que seguem em desvantagem de privilégios diante do imperialismo). Essa união talvez demore ainda para ocorrer de forma significativa; porém, a coletividade constituída pelas comunidades de alguns territórios já anunciam a possibilidade de uma vida em comunhão e mais justa. Isso pode ser analisado em *Becos da memória*, já que a coletividade dos moradores é baseada em trocas e compartilhamentos, na medida que uns ajudam os outros frente à miséria e ao desfavelamento que lhes roubam a possibilidade de paz. Desse modo, a tristeza da desterritorialização é compartilhada. Percebe-se isso nas descrições sobre como os caminhões de “mudança” (ou melhor, de deslocamento) chegavam para levar mais alguma família a outro futuro terreno.

As mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão (também oferecido pela firma construtora). Os vizinhos próximos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. O caminhão levantava poeira. Bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse. (EVARISTO, 2013, p. 115)

Com lágrimas nos olhos e com medo do amanhã, famílias precisavam decidir onde amontoariam seus sonhos e suas vidas. Desse modo, a transferência ocorria de maneira forçosa, desonrosa e ilegal. Dessa maneira, “o caminhão (...) ganhava o asfalto que o levaria para o outro lado da cidade, onde uma nova favela florescia” (EVARISTO, 2013, p. 120). Enquanto uma família ia para o desconhecido, todas as outras sofriam o pânico de serem as próximas, o que tornava suas vidas um martírio entre despedida e nostalgia, entre a terra e o desconhecido, entre a humanidade e animismo (como referido por Mbembe). Por isso, ao longo da obra, o leitor defronta-se com os questionamentos existenciais dos personagens, principalmente de Maria-Nova, que ouvia-os de beco a beco. Torciam por chuva, por milagres ou por um mundo melhor.

Com o tempo de chuva corria meses sem tréguas, o bicho pesadão fora obrigado a parar o trabalho e havia saído da favela. E então, no frio da noite, podíamos nos sentirmos aliviados e esperançosos. Quem sabe ele não voltaria nunca? Quem sabe a favela seria realmente nossa? Dos muitos que já haviam partido, tínhamos notícia de que não estavam bem. Sonhávamos. Caso o plano de desfavelamento fosse suspenso, apesar da ida deles ter acontecido há mais de um ano, quem sabe, poderiam até voltar... (EVARISTO, 2013, p. 196)

O que seria de todos nós? Dos vadios, dos trabalhadores, dos grandes e pequeninos? O que seria da noite, do samba que aqueles homem-vadios-meninos faziam brinquedo, folguedo? A noite caiu sobre todos nós, vazia de sons e vazia da vida deles. (EVARISTO, 2013, p. 110)

É justamente por esse motivo que Conceição compara a realidade do território da favela com a realidade das senzalas que as antecedem. Infelizmente, por mais alegrias e histórias que ali fossem compartilhadas por tantos sujeitos, existem forças controlando a liberdade e os direitos dos periféricos. Essas forças partem dos detentores do capital, sejam esses as construtoras ou o próprio Estado. Não há, pois, democracia ou igualdade alguma na construção do país. Antonio Bispo (2015) também chega a essa revoltante conclusão, mas, segundo ele,

No entanto, na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra os povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes. (...) A trajetória desses povos transpõe qualquer texto científico ou literário. Ela é visível e palpável materialmente e pode ser sentida imaterialmente, tanto quando olhamos para o passado e fazemos referência aos nossos ancestrais, como hoje quando visitamos as comunidades da atualidade e dialogamos com as suas organizações e manifestações culturais. (BISPO, 2015, p. 38)

Essa resistência, além de ser figurada em Maria-Nova em *Becos da memória*, que pretende escrever a história de seu povo, aparece também em Negro Alírio, personagem que luta, em todos os seus lugares de presença, pelo direito daqueles que estão ao seu redor. Ele contesta chefes autoritários, o Estado, a desigualdade e, principalmente, a construtora responsável pelo desfavelamento. Durante o processo, os moradores da favela, que antes utilizavam-se de 3 torneiras públicas para obterem água para a própria sobrevivência, aos poucos foram sofrendo com a escassez de água causada pelas obras da construtora. Sedentos e cansados pela humilhação e pelos horrores que estavam vivendo, os moradores, organizados por Negro Alírio, vão à construtora reivindicar o direito mínimo: a água. Entretanto, saem de lá sem esperanças de mudança, já certos de que ou sobreviveriam à transferência geográfica ou morreriam até que isso ocorresse. Não viam alternativas. Negro Alírio, porém, enxergava a situação de forma diferente. De acordo com a narrativa de Conceição de Maria-Nova, nesse retorno da ida à construtora, o homem

vinha preocupado, porém lúcido, certo, firme. Era o único que pisava num solo que sabia que era seu. Era só uma questão de tempo. Um dia, poderia ser hoje ou amanhã, todos os homens teriam os mesmos direitos. Tempo chegaria em que os homens todos se proclamariam e viveriam como irmãos. (EVARISTO, 2013, p. 215)

Aos poucos, portanto, é perceptível a enorme força e resistência dos negros e negras que sofrem com a diáspora brasileira atualmente. Mesmo deslocados social e geograficamente, lançam suas vozes contra esse contínuo e histórico processo de apagamento e de silenciamento sofrido. Logicamente, não interessava à construtora ou ao governo para onde iriam essas pessoas, seus filhos, seus netos; nem mesmo interessava qual seriam suas condições de vida noutro lugar. Desse modo, as consequências do desfavelamento na narrativa são drásticas. Vê-se morte, desespero, sede, mofo e o “buracão” (declive narrado como parte do terreno) engolindo os sonhos de futuro dos moradores, a exemplo da família de Maria-Nova.

Logo que começou o desfavelamento, Maria-Velha e Mãe Joana começaram a comprar um lote lá onde Deus tinha pensado iniciar o mundo. Era um lugar de mato e bichos, bem calmo. Era longe. A primeira dificuldade seria vir trabalhar, ganhar a vida. Havia também a escola que era muito distante. Maria-Nova e os irmãos iriam parar de estudar. (EVARISTO, 2013, p. 214)

Assim, a sobrevivência se torna questão de primeira ordem. A genialidade de uma menina como Maria-Nova, extremamente bem construída por Conceição na narrativa, que precisa do auxílio da escola fica em segundo plano, pois sua família precisa encontrar outro terreno para se alojar e para criar raízes já que o que tinham lhes foi tirado. Infelizmente, tios, mãe e todos aqueles personagens que fazem parte intrínseca de seus dias e vida são deslocados para um lugar ainda mais precário e distante de um futuro digno.

Diante disso, é importante ressaltar que a favela, por mais que representasse um lugar de tristezas e de desigualdade profundas, era, sem dúvidas, o lugar de estabelecimento e de construção de memórias daqueles personagens. Foi naquele território que eles construíram, individual e coletivamente, suas histórias e suas lutas. Também nesse espaço que compartilharam experiências socioculturais importantíssimas, que demonstram o quanto um espaço comunitário como a favela se diferencia do espaço urbano central, no qual a altura dos arranha-céus e a lógica do neoliberalismo não permitem que nasça a ideia de coletivo, de união, de prosperidade e de comunidade. Desse modo, os territórios na cidade não permitem o “fazer comunidade” proposto por Weir (2018), pois não há espaço para o bem comum, para o entrelace de histórias e de mãos, pois a competição e o capital estabelecem uma única linha de corrida, vertical, onde todos ficam contra todos na busca de um lugar inalcançável de poder.

Essa diferença pode ser vista pelas festas e eventos compartilhados na favela que foram narrados por *Becos da memória*. A partir do pouco que tinham, os moradores compartilhavam igualmente esses momentos, pensando no lazer e na felicidade que mereciam

diante de tanta desigualdade e de tanta miséria. Dois desses eventos são narrados no trecho abaixo

Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas. Numa casa ou noutra, se acendia uma fogueira. Colhia-se dinheiro de quem pudesse dar, comprava-se canjica e seus ingredientes e estava tudo pronto para um encontro, para uma festa. Se viesse alguém que não tivesse participado com dinheiro, nunca lhe seria negado um prato. (...) Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, também. Neste dia, rezava-se o terço e a ladainha de Nossa Senhora. Depois sempre tinha uma mesa farta de doces e biscoitos. Todo mundo comia. Muitos nem gostavam de rezar, mas iam pelo lanche. (EVARISTO, 2013, p. 65)

Esses eventos demonstram aquilo que Antonio Bispo (2015) considera que divide os colonizadores dos contra-colonizadores: a escolha entre o mono ou o poli (ou pluri), no que tange tanto a religiosidade quanto os esportes e os demais eventos culturais das populações. Para Bispo (2015), os brancos costumam cultuar apenas um Deus (com letra maiúscula, onipotente, singular, distante e regido por uma Bíblia diversas vezes opressora), entendem o trabalho como uma atividade desgastante que precisa ser realizada de forma exaustiva para o alcance do sucesso (que nunca, de fato, chega) e preferem esportes em que apenas uma equipe ou um indivíduo vence. Os afro-pindorâmicos, de maneira contrária, preferem atividades mais horizontais, em que todos possam prevalecer e vencer, inclusive os não humanos (a natureza e os animais). Desse modo, compara o futebol (com juiz, dois times adversários, número regrado de participantes etc) com a capoeira (em roda, compartilhada, circular). Afirma, portanto, que

Numa roda de capoeira, regida pelos ensinamentos de vida, podemos ter cinquenta pessoas jogando, uma pessoa ensinando e pouquíssimas assistindo. Entre as poucas pessoas que assistem pode haver alguma que nunca viu a capoeira. No entanto, se esta quiser, ela pode entrar na roda e jogar. Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da coletividade. Eis a importância das cosmovisões na organização das sociedades. (BISPO, 2015, p. 42)

Portanto, as festas juninas ou a festa de Nossa Senhora Aparecida (que, coincidentemente, é uma figura negra) eram, na mesma lógica apresentada por Bispo (2015) com a capoeira, eventos muito mais inclusivos e comunitários, onde todos poderiam participar da alegria e do prazer do dia, mesmo que não fossem religiosos, por exemplo. Desse modo, a favela e seu território, como afirmado no capítulo 1, constituíam, até o desfavelamento, um espaço de formação cultural, onde os personagens da narrativa se desenvolviam e se entrelaçavam em comunhão, compartilhando costumes, histórias, comida, água e conhecimentos. Por essa razão, esse espaço é, sem dúvidas, extremamente importante para



aqueles que o construíram ao longo dos anos. Porém, a lógica do capital, como afirmou Milton Santos (2002) prevalece à essa organização, ainda mais por não compreender (ou por temer) a horizontalidade que esse território representava para essa comunidade.

Além dos motivos anteriores, novamente, a favela tem sim resquícios de senzala, mas não apenas pela desigualdade e pela opressão, mas também pela força que brota desses dois espaços. Se nas senzalas surgiam as organizações de fuga que dariam origem a tantos quilombos -como mencionados por Bispo (2015) -, nas favelas também surgem vozes potentes, capazes de narrar e de denunciar as formas de opressão atualizadas desde o período colonial e escravagista. Isso fica evidente quando Maria-Nova decide expressar toda essa história de dor e de coletividade a partir da escrita. Seus descontentamentos começam na escola, quando percebe que a história dos negros e negras no Brasil não era contada da forma correta, a partir do ponto de vista autoral de quem descende de uma história de desigualdades. Assim, no livro, Conceição conta as experiências da menina ao perceber a necessidade que tinha de expressar as histórias que a constituíam.

Na semana anterior, a matéria estudada em História, fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. (...) levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. (...) Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2013, p. 209)

Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora (...) viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2013, p. 104)

Vem à tona, nesses trechos, o desejo e a necessidade de escrita, de narração. A escrevivência, portanto, eclode da importância de denunciar e de contestar um passado tão presente hoje. Para Maria-Nova, a atualização da senzala e da casa-grande são notáveis a partir da janela de seu barraco, a partir do seu dia a dia. Escreverá, portanto, para contar o que viveu, o que ouviu e o que viu. Desse modo, *Becos da memória* tem a capacidade de criticar, de forma única diante da escrevivência, a desigualdade e o racismo brasileiros. Seja pela voz de Negro Alírio, seja pela voz de Tio Tatão, seja pela voz de Maria-Nova (ou Conceição), esses problemas sociais são expostos de forma crua, desestabilizando o leitor urbano e representando os leitores e sujeitos periféricos. Negro Alírio afirma, quanto ao desequilíbrio social que via entre o bairro nobre e a favela, que

Aquilo não era vida. Que os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos. E o pior, eles queriam dirigir o nosso ódio contra nós mesmos, queriam que fôssemos inimigos. (EVARISTO, 2013, p. 197)

Por isso, é notável o quanto o desfavelamento, por exemplo, era só mais uma tática da elite para desestabilizar uma possível união e revolta que pudesse surgir daquela comunidade. Para a lógica neoliberalista, também bem imperialista, isso representa perigo máximo. Da mesma forma que Emicida e Criolo, na canção *Em cada vento* (2009), afirmam sobre o sujeito marginalizado socialmente, “quando eles perceberem o poder que têm, cuidado!”. Essa afirmativa também é replicada ao pensar-se sobre os porquês de a literatura de autoria negra ter tido dificuldades para conquistar espaço nas editoras e nas prateleiras das livrarias: existe o medo da elite branca de que a denúncia feita por esses textos possa alterar o panorama de privilégios dos mais ricos (que têm, afinal, essa condição construída, na maior parte das vezes - senão em todas - por mãos mais pobres).

A crítica à desigualdade é também feita a partir da narração sobre as festas, feita anteriormente. Descobrimos, em *Becos da memória*, que os bairros nobres que circundavam a favela criaram, nas entrelinhas, um sistema de barganha entre um território e outro. Isso porque a elite tinha medo da favela vizinha e queria distanciar e silenciar os problemas que estavam ali, ao lado de suas sacadas. O trecho abaixo explicita essa relação forjada entre a elite e a favela, que, aliás, era falsa, já que o desfavelamento aconteceu de qualquer forma.

Quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem do lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem nossa festa junina, dêem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, dêem nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. (EVARISTO, 2013, p. 69)

Nesse viés, os moradores da favela tinham plena consciência dos direitos que não conseguiam alcançar no Brasil, bem como o bairro nobre sabia da necessidade que tinha desses moradores (principalmente das mulheres) para que a riqueza e a estabilidade seguissem iguais. Porém, percebe-se, com o desenrolar do enredo, que, a partir do momento em que a visão da favela ao lado não existiria mais, a elite cala-se e aplaude cada transferência de famílias, já que o bairro teria, desse modo, outro patamar na urbanização (bem como a gentrificação funciona). Esse é mais um exemplo de como a branquitude e a aristocracia

usaram, ao longo da história, aqueles que, na lógica racista e capitalista do sistema, estavam “abaixo” deles.

Tio Tatão, de quem Maria-Nova não gostava de ouvir as histórias de guerra, pois lhe agonizava, sabia o quanto a opressão racial era usada como mecanismo tanto dos ricos quanto do Estado. Ele tinha vivido o bastante para recontar diversos eventos de manipulação desonesta dos brancos em relação aos mais pobres e aos negros. Conta a menina, desse modo, sua própria experiência e a de seus ancestrais. Diz que

Na época era preciso recrutar mais e mais soldados e só por isso ele foi aceito para o serviço militar. (...) Mas todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafuzos, sararás... Não se excluía ninguém. Naquelas circunstâncias a pátria era de todos. Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2013, p. 81 - 82)

Assim, mais uma vez, Maria-Nova descobria, em casa, que a escola não estava lhe contando a verdade sobre a história dos seus. Desse modo, mais um motivo surgia para que ela pudesse, a partir de sua própria voz, estabelecer um movimento mais digno de narração. Nesse sentido, a palestra de Chimamanda Adichie, concedida em um evento da Technology, Entertainment and Design (TED) em 2009, chamada *O Perigo da História Única*, explicita exatamente o perigo daquilo que Maria-Nova vinha constatando nos livros. A voz da menina, desse modo, é fundamental por ser uma autoria presente, criando a escrevivência. Sua vontade de narrar pode - da mesma forma como a de Conceição, que cria o romance em questão, faz - alterar uma possível estereotipação ou verdade absoluta que seja veiculada por histórias escritas por personalidades brancas, masculinas e de classes sociais privilegiadas.

Sobre a necessidade de seu fazer literário, Maria-Nova ouve os anciãos da favela sobre a importância da escrita e sobre a emancipação que ela proporciona a um indivíduo. A partir dessa temática na narrativa, é possível ler o profundo trecho de Tio Tatão dizendo à ela o quanto sua voz, na verdade, pode e deve ecoar outras vozes que não tiveram chance de falar. O tio, já bem velho, diz, com uma sábia visão de mundo,

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2013, p. 156)

Dessa forma, ouvindo conselhos como esse e vivenciando diversas experiências de dor mas também de alegria na favela, Maria-Nova é imbuída do dever de escrita. Uma escrita que, diferente de diversas outras, não será produzida apenas pelo prazer do fazer poético; uma escrita que tem um compromisso coletivo de restaurar a memória coletiva de seus pares e de seus antecessores. Por isso, a oralidade e a ancestralidade são tão presentes na narrativa de Conceição Evaristo. *Becos da memória* (2013), por meio de Maria-Nova, remonta histórias que, mesmo que no livro ficcionais, são parte das lembranças da autora (seja ela a real ou a narrada). A reconstrução do passado e do presente, por conseguinte, é vigente no peito de Maria, que

talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2013, p. 91)

[Maria-Nova] Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. (EVARISTO, 2013, p. 108)

Por fim, é importante postular que a narrativa a ser produzida por Maria-Nova (que, na verdade, foi, de fato, produzida por Conceição) sem dúvidas trará, como trouxe, mensagens de fé, de esperança e de amor, particulares desses grupos que lutam horizontal e coletivamente, como afirmou Bispo (2015). As experiências de opressão não se sobrepõem a resistência de alguns desses personagens narrados por *Becos da memória*, e isso demonstra o quanto ainda é possível esperar que, a partir da organização e da luta dos afro-pindorâmicos - bem como das mudanças lentas ocorridas nos espaços de poder, como a universidade e o meio literário -, a branquitude e o capital não vençam todos os “jogos” que virão. O livro termina com uma sensação e imagem positivas, que, mesmo diante da desterritorialização, parecem prever que sim, o futuro ainda poderá ser construído de outra forma, mesmo que em outro lugar, mesmo diante de uma série de eventos de miséria e ruína. Diante disso, Rosemere Ferreira da Silva (2017) afirma que há na escrevivência

um processo consciente de criação literária que mostra personagens negros descritos, não só a partir de seus dilemas e conflitos, mas, sobretudo, através da sua alegria e inteligência, da relação com o simples em meio às possíveis dificuldades e um particular gosto pela vida, superando o enfrentamento com o mundo, no qual, ser negro representa um incomensurável desafio. (SILVA, 2017, p. 22)

Essa força imensurável é proposta pela criação de personagens muito humanos feita por Evaristo (2013). É possível ver em Vó Rita e em Tio Totó, por exemplo, duas figuras de amor e de zelo, que, mesmo cansadas depois de uma vida de desigualdades e de dores, seguem inspirando os mais novos a viverem e a compartilharem carinho e sabedoria. Os leitores, sem dúvidas, conseguem criar imagens de afeto nesses personagens, que se formam nos becos das memórias coletivas, na força ancestral e na experiência de sobrevivência. Além disso, demonstram que as histórias de autoria negra são capazes de representar personagens mais autênticos quando se trata dos sentimentos e das vivências como sujeitos negros, já que retratam o amor, a dor e a alegria de forma única, nada caricata. Sobre Vó Rita, Maria-Nova aponta que

Tinha ainda muita esperança para si e para os outros. Não era preciso desespero. A vida haveria de continuar em outro lugar, em outras pessoas. O seu corpo poderia até cair agora, mas outros e outros levantariam. Havia uma razão atrás de tudo. Ela não sabia bem qual seria, mas atrás de tudo alguma razão existia. Era preciso ir adiante. (EVARISTO, 2013, p. 216)

Portanto, a história que começa com Vó Rita também termina com ela. Essa senhora negra, mulher e sábia é o rosto e o corpo que vivem na lembrança viva de Maria-Nova e que representa, praticamente, uma divindade por expressar tanta luz, tanta esperança e tantos sorrisos mesmo num barraco escuro e sem água. Para os “sono-sonhos” de Maria-Nova, era ela quem criaria, diante de tudo isso, uma humanidade diferente a partir de seu enorme coração.

A noite veio caindo lenta e carregada de pontos luminosos lá no céu. Aquela seria a sua última noite na favela. (...) Pela janelinha aberta a lua pousava em cima do rosto da menina. Maria-Nova teve a impressão que se erguesse os braços, tocaria o céu. Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. (...) chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme. E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2013, p. 256)

Com o poético sonho de Maria e com esse desfecho criado por Conceição, é possível constatar que o território da favela seria mantido pela fé das mulheres e homens que dali saíram, ainda que precisasse ser restaurado em outro lugar. Sem dúvidas o debate territorial é extremamente latente e criticado na obra, mas o desfecho impulsiona que mais Negros Alírios e mais Marias-Novas surjam a partir de forças como a de Vó Rita para construir um futuro onde o território, as raízes, as memórias, a coletividade e o Usucapião sejam respeitados.

## CONCLUSÃO

Para cumprir a conceitualização sobre território utilizando a escrevivência, faz-se necessário retomar a discussão sobre o quanto a contemporaneidade (vestida de neoliberal, racista, imperialista e vazia) é, na verdade, uma repaginação do passado colonial. Nesse sentido, faz-se também urgente perceber o quanto a literatura, principalmente de autoria afro-pindorâmica, é um importante meio de contestar e de reconstruir a realidade desigual brasileira. Com isso, são as vozes da escrevivência - ou seja, as que assumem escrever sobre aquilo que vêem, vivenciam e ouvem - que podem, nesse sentido, ensinar os brasileiros um pouco mais sobre a sua história, seus povos originários e seus descendentes, seus problemas políticos e seus erros atuais, perspectivando uma mudança sociocultural construída de forma mais igualitária e justa, dando espaço e liberdade para que as diferenças se manifestem e sejam valorizadas.

Perante uma nação construída a partir do apagamento das memórias, o Brasil não é um país que se preocupa com uma reparação histórica e social àqueles que vêm, ao longo dos séculos, sendo postos à margem em detrimento dessa ideia de modernidade e de urbanização instantânea, “requeitando” a mesma noção trazida pelos imperialistas desde o século XV que iniciou o genocídio dos povos e das culturas que não representavam o espelho europeu. Nesse sentido, o pensamento de Francisco Noa (2015), importante teórico literário moçambicano, ajuda na percepção social da nossa realidade, afinal Moçambique também foi violentamente colonizada pelos portugueses. Olhando para a atualidade, Noa (2015) percebe o problema da falta de resgate da memória coletiva. O autor acredita que em

nossa acelerada e vertiginosa contemporaneidade marcada, entre outras coisas, pela obsessiva procura de afirmação pessoal, profissional, social e da perseguição irracional do novo, o que mais prepondera é um preocupante vazio de memória e de referências. Esquecemos-nos assim de onde viemos, quais foram os momentos e os lugares mais marcantes de nossas vidas, que circunstâncias ou quem foi que concorreu para sermos o que somos, seja no melhor ou no pior sentido, como se em vez de um passado que necessariamente nos moldou existisse um completo abismo por detrás de nós. Isto é, como se tudo começasse no momento e no lugar onde nos encontramos. (NOA, 2015, p. 207)

Porém, a literatura de Conceição Evaristo, bem como a de tantos outros autores e autoras brasileiros, faz exatamente o oposto disso. Evaristo é uma escritora que semeia as memórias, que as trabalha com responsabilidade, cuidado e poéticas únicas, fazendo uma literatura comprometida com a função de inquietar as elites e de estabelecer representatividade e resistência a partir das palavras. Na figura de uma excelente contadora de

histórias, seu termo escrevivência chega transformando a crítica literária e exigindo novos olhares e cosmovisões acerca tanto da literatura quanto da realidade. Nesse sentido, é possível exergá-la como uma cultivadora da ancestralidade e das lembranças brasileiras. Assim, no texto intitulado “Sobre pedagogías y siembras ancestrales”, Juan García Salazar e Catherine Walsh, intelectuais interessados nos estudos interculturais na América Latina, afirmam que

Todo el que asume este rol de ser guardián de la memoria, de ser regador de la memoria o cultivador de la memoria, se convierte en un sembrador, porque tiene que actualizar o volver a poner en vigencia las palabras de los ancestros para las generaciones actuales y venideras. (SALAZAR e WALSH, 2017, p. 298)

Sendo uma semeadora, sua escrita memorialística é fundamental, tanto em *Becos da memória*, escrito em 1986 e publicado nos anos 2000, quanto em outras tantas produções que vêm adquirindo espaço, força e recepção no rol antes hegemônico da literatura - como explícito na pesquisa de Regina Dalcastagnè (2018). É necessário e, talvez mais do que nunca, urgente, a partir do que foi discutido nos capítulos desse trabalho, continuar lendo e estudando essas obras que debatem e que abrem as feridas expostas causadas pela segregação histórica dos afro-pindorâmicos com a gentrificação, com o racismo institucional, com o encarceramento em massa, com a apropriação da cultura ou do lugar de fala, com a erotização dos corpos etc. Consoante Noa (2015), a literatura tem força nesses debates, já que esses sujeitos marcados por classe e raça estão sendo colocados na periferia da hierarquia de vozes. Assim,

No quadro mais amplo das relações produzidas na situação colonial, por exemplo, é possível verificar como se estruturaram os contornos difusos e contraditórios da contemporaneidade. (...) Enquanto imposição ela institui hierarquias, isto é, subjugação ou não aceitação dos outros como eles são. Daí a confinação à condição de selvagem, primitivo, subdesenvolvido, ou periférico. De alguém, portanto que ficou num tempo outro, primordial. E, por consequência, o gesto político e cultural emerge como ato de resistência e afirmação. (NOA, 2015, p. 27)

Pode-se concluir, portanto, que essa literatura “forjada a ferro e fogo” (EVARISTO, 2013, p. 108) é essencial para demonstrar as questões de territorialidade. Fica visível que sim, o território é parte da narrativa de *Becos da memória* (2013) e também era importantíssimo para os moradores da favela descrita, afinal as experiências que nela viveram e saudade que nela deixam demonstram o quanto aquele espaço geográfico, que pode ser considerado apenas como uma porção de terra para o olhar de quem via de fora, era, na verdade, um lugar de raízes históricas que estava, principalmente com pessoas como Maria-Nova, dando frutos para o futuro. Nesse sentido, o desejo por pesquisar o território em uma narrativa de escrevivência é satisfatório, já que, ainda de acordo com Noa (2015),

A questão da identidade, pessoal ou coletiva, vai emergindo quer de forma latente quer explícita, alicerçada no conhecimento de si próprio e do seu meio, num exercício de desocultação, interpretação e dignificação dessas mesmas realidades funcionando a literatura, ao mesmo tempo, como restituição, contestação e denúncia. (NOA, 2015, p. 69)

Desse modo, resta o desejo de que a questão territorial ganhe atenção no país, nas pesquisas acadêmicas e nas manifestações culturais. Isso porque acredita-se que, assim, ela possa ser transformada com um “giro contra-colonial” por meio dos textos produzidos pela literatura marginal e periférica, da poesia viva dos *slamers*, das mensagens altamente difundidas pelo rap e de toda e qualquer outra manifestação artística e cultural que tenha objetivo de denúncia e de combate às desigualdades, e que também se proponha como representativa, viva e resistente diante das barbáries. Não é dever, porém, dessas obras artísticas terem as temáticas sempre sociais, como a do território. É fundamental pensarmos, apenas, na importância que a escrivência e que a própria Conceição Evaristo tem no ato de narrar, com autoria, as vivências dos sujeitos negros e negras no Brasil - sejam elas de amor e de alegria, sejam elas de tristeza e de luta.

Além disso, é possível concluir que a conceitualização do termo território é mesmo complicada, pois ele envolve vidas, dentro ou fora da ficção, complexas, marcadas por questões sociais expressivas e determinantes e cheias de sentimentos difíceis de serem sintetizados quando trata-se do lugar onde se encontram, onde criam raízes e de onde veem e entendem o mundo. É preciso, portanto, que nós, pesquisadores, independentemente da área em que atuemos utilizando tal termo, possamos compreender que todo sujeito tem alguma relação territorial, mesmo quando esta apresenta-se na busca por um lugar de pertencimento ou na defesa de seu espaço. Nesse sentido, ouvir (ou, aqui mais especificamente, ler) o que o território significa para uma determinada comunidade é de extrema importância para o entendimento verdadeiro desta e de sua cosmovisão. Diante disso, a escrivência de Evaristo e a obra *Becos da memória* são muito relevantes para a temática e para as lutas acerca dela.



## REFERÊNCIAS

BISPO, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e literatura*. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

CHIMAMANDA, Adichie: O perigo da história única. TED, 2009. 18'49". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>> Acesso em: 30 de julho de 2019.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Mato Grosso do Sul e a banalização da violência. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2017/11/mato-grosso-do-sul-e-a-banalizacao-da-violencia/>>. Acesso em: 30 de julho de 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro*. CULT, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

DUARTE, E. A. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Literafro – Portal da Literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

\_\_\_\_\_. [Orelha do livro]. In: *Becos da memória*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

EMICIDA; CRIOLO. **A cada vento**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=11Df3j354Kk>>. Acesso em: 1º de julho de 2019.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Marcos Antônio Alexandre, org. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

\_\_\_\_\_. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’.

**Nexo Jornal**. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

\_\_\_\_\_. Conceição Evaristo. Literafro – Portal da Literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

GALDO, R.; DAFLON R. Favelas foram removidas para conjuntos sem qualquer infraestrutura. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/favelas-foram-removidas-para-conjuntos-sem-qualquer-infraestrutura-2772762>>. Acesso em 30 de julho de 2019.

MAIA, R. E. F.; GUERRA, G. A. D.; CALVI, M. F.; Dilemas do processo de desterritorialização de famílias atingidas por grandes projetos na Volta Grande do Xingu, Pará, Brasil. *Revista Nera*, Presidente Prudente, Ano 20, nº. 37 pp. 195-215, Mai-Ago 2017.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

NOA, Francisco. *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Milton. *O dinheiro e o território*. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha; SILVA, Carlos Alberto Franco da; et alii. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2002.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. “Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território”. Rio de Janeiro: UERJ, p. 24-42, 2008.

SCHMIDT, Simone P. Sobre favelas e musseques. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 207 - 214, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. A força da palavra, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2ª edição. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SALAZAR, J. G; WALSH, C. *Sobre pedagogías y siembras ancestrales*. In: WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

SILVA, Liliam R. *Decolonizando saberes: conceitos de literatura latino-americana na autoria negra*. In: TETTAMANZY, Ana L. L.; SANTOS, Cristina M. Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira. Porto Alegre: Editora Kouk, 2018.

SILVA, Rosemere F. Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance *Ponciá Vicêncio*. *Entreletras*, Araguaína/TO, v. 8, n. 1, jan./jun. 2017.

WEIR, José A. Q. *Fazer comunidade - notas sobre território e territorialidade a partir do sentipensar indígena na bacia do Lago do Maracaibo - Venezuela*. Tradução de Isabel Pérez Alves. Porto Alegre: Editora Deriva, 2018.

## ANEXO A - MOVIMENTO XINGU VIVO

Figura 2 Trancamento simbólico do rio Xingu por ribeirinhos da localidade Arroz-Cru



Fonte: Movimento Xingu Vivo (2011).

O processo de desterritorialização funciona a partir de ameaças, em que são retiradas as condições mínimas que as famílias dispõem para sobreviver, sobretudo a possibilidade de trabalhar na terra. Na verdade, a relação desigual ocorre com famílias que dispõem de pouca informação em relação aos direitos; em outras palavras, são pessoas que vivem calejadas pelas condições estruturais de exploração. Essa conjuntura de transformação encontrada nas localidades em que os vínculos sociais e simbólicos do território são desarticulados corrobora o dito por Silva e Silva (2013), que apoiados no conceito de desterritorialização, sobretudo ocasionado por grandes projetos de investimento destacam o caráter de “exclusões socioespaciais, onde o poder econômico, e também político, prevalece e se impõe sobre as demais forças existentes, criando novos territórios desprovidos de valores sociais e precários de elos, vínculos, de pertencimento”.

Fonte: MAIA, R. E. F.; GUERRA, G. A. D.; CALVI, M. F.; Dilemas do processo de desterritorialização de famílias atingidas por grandes projetos na Volta Grande do Xingu, Pará, Brasil. *Revista Nera*, Presidente Prudente, Ano 20, nº. 37 pp. 195-215, Mai-Ago 2017.

## ANEXO B - DESFAVELAMENTO NO RIO DE JANEIRO

### Favelas foram removidas para conjuntos sem qualquer infraestrutura

Rafael Galdo e Rogério Dafion, e  
09/05/2011 - 00:00 / Atualizado em 03/11/2011 - 22:20



O conjunto habitacional da Cidade de Deus foi construído na década de 60 e serviu para abrigar atingidos pela enchente (Foto: Marcia Foletto Agência O Globo)

“RIO - Equilibrando-se em caminhões paus de arara, os moradores chegavam por ruas de terra batida com milhares de casas, todas idênticas. Era janeiro de 1964. Começava a ser ocupado um dos maiores conjuntos habitacionais do Rio: a Vila Kennedy, na Zona Oeste, com 5.054 moradias. Os moradores vinham de favelas de áreas centrais da cidade, como o Morro do Pasmado, em Botafogo, a comunidade do Esqueleto, no Maracanã, e as da Praia de Ramos e de Maria Angu, na Zona da Leopoldina. E, num lar imposto, a 40km do Centro, tiveram que readaptar suas vidas com comércio e transporte precários e sem trabalho perto. Desde domingo, uma série de reportagens do GLOBO mostra o fracasso das políticas habitacionais no Rio nos últimos cem anos. (...)

- A imprensa tocava no tema favela o tempo todo. Na Zona Sul, havia pressões da especulação imobiliária. Lacerda, ferrenho anticomunista, obteve verbas dos Estados Unidos por meio da Aliança pelo Progresso (entidade criada pelo presidente John Kennedy para financiar projetos sociais na América Latina e conter o avanço do socialismo). Com esses recursos, ele produziu conjuntos habitacionais distintos dos anteriores: longe dos centros de trabalho e sem articular as necessidades dos moradores - afirma a socióloga Maria Laís Pereira, da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF.

Antônio Cândido Ferreira viveu essa mudança ao sair do Pasmado para a Vila Kennedy.

- Passei a acordar de madrugada para ir ao Centro. Muita gente perdeu o emprego. Mas não tivemos opção. Era a Vila Kennedy ou a rua. Nem escolhemos nossas casas. Funcionários do governo apontavam onde moraríamos. Para piorar, as chaves eram todas iguais e abriam as portas de qualquer casa - conta.

(...) Numa dessas levas de moradores veio Manuel Severino de Jesus, de 59 anos, que morava na Favela Macedo Sobrinho, no Humaitá. Como estudava no Largo do Machado e trabalhava em Ipanema, a nova rotina o levou a muitas vezes dormir na rua, sem ônibus para voltar.

- Não era a Cidade de Deus. Era a cidade do inferno. O poder público nos largou aqui. Se a solução é a remoção, tudo bem. Mas que se remova oferecendo infraestrutura às pessoas. Não como fizeram aqui. Hoje, a minha Macedo Sobrinho virou casa de bacana; e a Cidade de Deus, um câncer para eles. Ninguém imaginaria que aqui valorizaria tanto. Hoje estamos perto de tudo, de algumas das áreas mais nobres do Rio. O pessoal teme agora que nos tirem daqui. É o trauma da remoção.”

Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/favelas-foram-removidas-para-conjuntos-sem-qualquer-infraestrutura-2772762>

## ANEXO C - O GENOCÍDIO INDÍGENA NA LUTA PELA TERRA

### A lógica perversa do arrendamento de terras indígenas

Nas últimas décadas, o arrendamento das terras indígenas tem sido uma das estratégias da invasão das terras dos povos originários. É uma prática perversa que ganhou novas ações especialmente no governo de Getúlio Vargas, a partir de 1940, acentuando-se na década de 70. Voltou a ser estratégia do governo de Michel Temer e de sua bancada ruralista.



“Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, os nossos territórios são diminuídos. Não temos mais condições de sobrevivência. Queremos dizer a Vossa Santidade a nossa miséria, a nossa tristeza pela morte de nossos líderes assassinados friamente por aqueles que tomam nosso chão, aquilo que para nós representa a própria vida e nossa sobrevivência neste grande Brasil, chamado um país cristão”, discursou Marçal em Manaus (AM). Em uma emboscada na porta de sua casa, no dia 25 de novembro de 1983, Marçal Tupã'i foi assassinado por pistoleiros com cinco tiros.”

Fonte: <https://cimi.org.br/2017/11/mato-grosso-do-sul-e-a-banalizacao-da-violencia/>